



O 15 de Novembro nos três primeiros lustros republicanos: registros textuais na imprensa diária rio-grandina

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

112



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**O 15 de Novembro
nos três primeiros
lustros republicanos:
registros textuais na
imprensa diária rio-
grandina**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

O 15 de Novembro nos três primeiros lustros republicanos: registros textuais na imprensa diária rio-grandina



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: O 15 de Novembro nos três primeiros lustros republicanos: registros textuais na imprensa diária rio-grandina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 112
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2025

ISBN – 978-65-5306-068-5

CAPA: A leitura dos jornais diários, que “continuam muito *palpitantes de interesse*”, na concepção do *Bisturi* (19 nov. 1893, p. 4)

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Apresentação

A transição da Monarquia à República no Rio Grande do Sul foi caracterizada por um processo histórico profundamente complexo e intrincado, mormente no que tange ao contexto político-ideológico. Até o final do regime monárquico, havia uma preponderância dos liberais e um desgaste significativo dos conservadores, em um quadro pelo qual o tardio movimento republicano gaúcho se estabelecia a partir de uma oposição ao hegemônico Partido Liberal. Com a mudança na forma de governo, progressivamente os republicanos, sob a liderança de Júlio de Castilhos, foram se firmando no poder, vindo a conquistar a hegemonia partidária do Estado. Sob uma inspiração comtiana, este grupo adaptou as premissas positivistas às circunstâncias regionais, vindo a moldar um modelo autoritário, personalista e concentrador de poderes, em um quadro pelo qual só os fiéis seguidores de Castilhos tinham chances de participar do governo. A partir de então, o regime castilhista passou a estabelecer um aparelho institucional, burocrático-administrativo e militar-repressivo, que visava à perpetuação no poder, sem qualquer chance de acesso ao mesmo por parte dos opositores. Tais condições levaram à formação de uma intensa oposição, integrada por antigos liberais e conservadores, que viriam a abrigar-se sob a bandeira do Partido Federalista e por várias gerações de dissidentes republicanos, que discordaram das orientações castilhistas ou foram expurgados do Partido

Republicano Rio-Grandense por sua maior liderança. Sem chances de vitória nos moldes eleitorais estabelecidos pelos governistas, as oposições rio-grandenses iriam optar pelo caminho das armas, apelando para o direito à revolução dos povos, deflagrando-se uma ferrenha guerra civil, conhecida como Revolução Federalista (1893-1895). Ao final do conflito, os castilhistas, com o apoio do governo federal, saíram-se vencedores, consolidando de vez o regime idealizado por seu chefe político, o qual perduraria por praticamente toda a República Velha. Mesmo encerrado o confronto bélico, os ódios e paixões partidárias não deixaram de existir, permanecendo o enfrentamento ideológico-partidário entre os oposicionistas e os castilhistas nas décadas que se seguiram¹.

¹ Acerca da formação política sul-rio-grandense à época da instauração republicana, ver: ALVES, Francisco das Neves. A transição Monarquia - República no Rio Grande do Sul: um enfoque político. In: ALVES, F.N. & TORRES, L.H. (orgs.). *Temas de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Editora da FURG, 1994. p. 111-126.; ALVES, Francisco das Neves. Oposições e dissidências no Rio Grande do Sul (1896-1908): tentativas de rearticulação. *Revista Biblos*. v.7. Rio Grande: Editora da FURG, 1995. p. 189-211.; ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista: história & historiografia*. Rio Grande: FURG, 2002.; ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da FURG, 1993.; BARETTA, Silvio Rogério Duncan. *Political violence and regime change: a study of the 1893 Civil War in Southern Brazil*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1985.; FLORES, Moacyr. 1893: mudanças político-sociais. In: FLORES, Moacyr (org.). *1893-95: a Revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 11-18.; FLORES,

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Moacyr & FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *RS: economia e conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.; FRANCO, Sérgio da Costa. O sentido histórico da Revolução de 1893. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 191-216.; FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.; FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra Civil de 1893*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.; FRANCO, Sérgio da Costa. Panorama geral da Revolução Federalista. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da FURG, 1993. p. 11-14.; LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.; LOVE, Joseph L. O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História geral da civilização brasileira*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1977. v.8. p. 99-122.; LOVE, Joseph L. Reflections on the Revolution of 1893. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da FURG, 1993. p. 15-18.; O'DONNELL, Fernando O.M. *Alguns textos políticos da transição institucional no Rio Grande do Sul (1887-1893) - preliminares*. Porto Alegre: Metrópole, 1991.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um caso regional de autoritarismo: a República Velha Gaúcha. *Revista do IFCH/UFRGS*. ano V. Porto Alegre: UFRGS, 1977. p. 271-303.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. República Velha Gaúcha: "estado autoritário e economia". In: DACANAL, J.H. & GONZAGA, S. (orgs.). *RS: economia & política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 193-228.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.; PINTO, Céli Regina. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986.; REVERBEL,

Nesse quadro de profundas rivalidades, a imprensa viria a ter um papel fundamental, de maneira que, ao lado das disputas político-partidárias, ideológicas e bélicas, ocorreria também uma verdadeira batalha por meio das palavras, servindo as folhas impressas para divulgar as ideias dos grupos divergentes. Dessa maneira, os jornais serviam como arautos da política, estimulando as rivalidades, ao agirem no sentido de buscar legitimar as formas de agir e pensar dos aliados e também deslegitimar as dos adversários². Tal fenômeno foi igualmente observado na

Carlos. *Maragatos e pica-paus: guerra civil e degola no Rio Grande*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.; TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: economia & política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-191.

² Sobre a imprensa gaúcha, observar: ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1977.; FÉLIX, Loiva Otero. Pica-paus e maragatos no discurso da imprensa castilhistas. In: POSSAMAI, Zita (org.). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 51-56.; FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o *Correio do Povo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. n.131. Porto Alegre: 1995. p. 33-40.; REVERBEL, Carlos. Evolução da imprensa rio-grandense. In: *Enciclopédia rio-grandense: o Rio Grande Antigo*. v.2. Canoas: Ed. Regional, 1956. p.241-264.; REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-124.; ROMÉRO, Inocêncio. A imprensa rio-grandense (breve resumo histórico). In: COSTA, Alfredo R. da. *O Rio Grande do Sul: completo estudo*

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

cidade do Rio Grande, na qual se praticava um jornalismo de ponta para os padrões nacionais/estaduais de então, havendo, em meio aos seus periódicos níveis variáveis de engajamento diante do clima predominantemente conflituoso³. De acordo com tal perspectiva, este livro realiza um levantamento documental a respeito das reações dos jornais diários rio-grandinos frente à data do 15 de Novembro, observando as reflexões estabelecidas por tais publicações acerca dos novos tempos republicanos, ao longo dos três lustros que se seguiram à proclamação da República.

sobre o Estado. Porto Alegre: Globo, 1922. v. 1. p. 135-148.; RÜDIGER, Francisco Ricardo. A imprensa: fonte e agente da Revolução de 1893. In: *Anais do Seminário Fontes para a História da Revolução de 1893*. Bagé: URCAMP, 1983. p. 26-35.; RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed.da UFRGS, 1993.; SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (quinta série). p. 81-101.; e SILVA, Jandira M. M. et alii. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

³ No que tange ao periodismo praticado no Rio Grande dessa época, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

SUMÁRIO

Diário do Rio Grande / 17

Artista / 55

Eco do Sul / 101

Diário do Rio Grande

Um dos primeiros periódicos a circular diariamente na cidade do Rio Grande e que viria a se firmar como um dos mais relevantes periódicos citadinos foi o *Diário do Rio Grande*. À época imperial, militou em uma primeira fase ao lado dos conservadores, para, mais tarde, após uma modificação de proprietário, passar a atuar junto aos liberais. Apesar dessas aproximações partidárias, buscou promover uma construção discursiva na qual o primado da notícia seria a sua marca registrada, intentando equilibrar suas manifestações mais veementes de teor político-partidário, com seus interesses de sustentação comercial-financeira, notadamente os vinculados à venda de assinaturas e de espaço publicitário em suas páginas.

A mudança da forma de governo tornou-se um momento de inflexão na existência do *Diário do Rio Grande* que, sem deixar de aceitar a República, passou a buscar pautar-se ainda mais em uma abordagem propalada como apolítica e apartidária. Ainda assim em suas páginas surgia certa insatisfação quanto aos rumos autoritários que marcavam o republicanismo na esfera federal e estadual. A postura oposicionista, entretanto, não era manifesta abertamente, ainda mais tendo em vista as práticas repressivas governamentais quanto à liberdade de expressão, notadamente após o espocar da guerra civil.

As sequelas deixadas pela Revolução Rio-Grandense de 1893-1895 promoveriam efeitos na conduta do *Diário do Rio Grande* que, a partir de então, optou por um silêncio quanto aos assuntos de cunho político-partidário como norte da sua edificação discursiva. Diferentemente do período imperial, quando a postura apolítica servia muito mais para legitimar uma linha editorial, embora o jornal possuísse suas vinculações partidárias bem delineadas, a partir dos primeiros anos da República e até praticamente o encerramento da sua existência, tendo em vista a permanência das disputas políticas e os sempre constantes riscos de perseguições à imprensa, o periódico buscou adotar uma posição de suposta neutralidade, que não se restringia apenas a um argumento discursivo, eximindo-se, assim, de analisar os eventos de natureza partidária e/ou política, que marcaram a conjuntura sul-rio-grandense da fase pós-revolucionária.

Nesse sentido, a folha rio-grandina passou a utilizar-se ainda mais intensamente de termos como neutralidade, imparcialidade e independência quando explicava suas intenções, fazendo ainda maior questão de ressaltar, em 1898, “que nada absolutamente tinha que ver com a vida íntima dos partidos políticos”, apresentando-se “como jornal inteiramente estranho às facções partidárias”, ou ainda, em 1900, afirmando que, “leal ao seu longo passado de absoluta neutralidade”, não fazia “peremptoriamente política nas suas colunas”. Desse modo, em 1901, colocava-se “fora de todas as parcialidades, alheio ao jogo dos assuntos pessoais”, ou seja, aqueles que falavam “às paixões subalternas e não às ideias”. Ao final da primeira década do século XX, o

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

periódico já estava vivendo seus dias de decadência, embora ainda fizesse algumas tentativas de modernizar-se, buscando atingir os padrões editoriais do jornalismo de então, mas, sem maiores sucessos, viria a desaparecer em 1910⁴.

As primeiras impressões do *Diário do Rio Grande* acerca da transição política ocorrida no Brasil em 1889 foram bem caracterizadas já no título do editorial, ou seja, “O fato consumado”, no sentido de que já não haveria alternativas, uma vez que a Monarquia havia caído e uma nova forma de governo dominava o país.

O fato consumado⁵

«Não há mais dúvidas.

Está definitivamente constituída a República dos Estados Unidos do Brasil.

Quem quiser duvidar que duvide.

Nós submetemo-nos à evidência do fato consumado e congratulamo-nos, em primeiro lugar, pela forma como se operou a transformação, sem a menor perturbação da ordem pública.

A ter de consumir-se o fato, melhor foi que a transição se efetuasse no meio de geral tranquilidade, sem comoções populares.

⁴ A respeito do *Diário do Rio Grande*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 157-208.

⁵ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 19 nov. 1889, p. 1.

Atribuem esse sossego a entusiasmo pela nova forma de governo, à descrença pela Monarquia, a indiferentismo, à falta de espírito público, ao que quiserem, enfim.

O que é verdade é que o fato aí está patente aos olhos de todos, inclusive dos mais refratários em aceitarem o novo estado de coisas.

O Brasil assim o quis.

A tácita adesão das principais províncias, o sossego que reina em toda a parte, o estado do câmbio e a confiança que no Rio de Janeiro começa a depositar-se no novo governo, desvanecem todas as dúvidas e dão claramente à entender que a nação está convencida, de que sob o novo regime pode ser, tanto ou mais feliz quanto sob a forma monárquica.

O que todos devemos desejar é que o governo provisório e os que lhe sucederem pautem os seus atos pelas severas normas da justiça da razão e do patriotismo; que o seu único objetivo seja promover, o mais possível, a grandeza e a felicidade da pátria brasileira, firmando, cada vez mais, os seus créditos de primeira potência da América do Sul e tornando-a digna dos grandes destinos que a natureza e o caráter do seu povo lhe assinalam.

Proceda a República por esse modo, que não lhe faltarão adesões.

Os verdadeiros patriotas não hão de preferir ao engrandecimento do seu país a preocupação de formas de governo.

Antes de tudo o bem da pátria.

O *Diário do Rio Grande* dá o seu fraco mas sincero apoio à nova administração, certo de que ela, como

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

legítima representante da forma de governo que acaba de instalar no país, fará por este todo o bem que puder.»

Uma vez confirmada a transformação nos horizontes político-administrativos brasileiros, o *Diário do Rio Grande* considerava como definitivamente instalada a República, de modo que seria “O dever de todos” aderirem ao novo regime, como estaria sendo feito no conjunto do país, de maneira que o periódico rio-grandino viria a acompanhar tal tendência.

O dever de todos⁶

«Dizem telegramas do Rio de Janeiro que todas as províncias aderiram à nova forma de governo.

Quer dizer que a República Federativa dos Estados Unidos do Brasil é obra que o assentimento unânime do Brasil consolidou nas bases da sua solidariedade e no tácito reconhecimento de que a esse sistema de governo que mais se coaduna com a sua índole de povo americano, e com as suas aspirações de povo que almeja progredir e fazer as maiores conquistas nos amplos e gloriosos estádios da civilização, da liberdade e do progresso.

A adesão manifestada com a maior espontaneidade, livremente, sem o menor vislumbre de violência nem quaisquer dos meios de que têm, em igualdade de circunstâncias, lançado mão outros povos, demonstra que a instituição recentemente extinta, não era a que mais correspondia às opiniões íntimas do povo

⁶ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 20 nov. 1889, p. 1.

brasileiro, e que as suas esperanças sobre o engrandecimento e futuro do país estavam sensivelmente amortecidas.

Não há como negar que a forma suave e sem protesto como se operou a rápida e inesperada transformação de um para outro sistema, demonstra, inclusive aos mais refratários em submeter-se à evidência dos fatos, que a Monarquia não tinha fortes raízes na opinião nacional.

Tratando-se de uma instituição que nasceu com o Brasil livre, e contava, portanto, mais de meio século de existência, era de esperar que a proclamação da República levantasse um ou outro protesto e a reação se manifestasse num ou noutro ponto deste vasto território.

No entanto, todos estamos vendo que, pelo menos, até onde chegam as transmissões telegráficas, o Brasil aceita de boamente o novo estado de coisas, dando assim franca e categórica demonstração de que descrente do passado regime, espera encontrar no que acaba de inaugurar-se os estimulantes de que tanto carece para desenvolver os assombrosos recursos com que o dotou a natureza e atingir o grau de prosperidade a que tem direito.

Isso posto, cremos que a posição do *Diário do Rio Grande*, como órgão que sempre foi dos interesses gerais do Estado, da província, e principalmente do meio social em que se agita, deve ser ao lado do novo governo, sustentando seus atos, enquanto estes responderem às necessidades do país, às suas aspirações de progresso e levantamento moral, pondo em execução as reformas de que tanto se faz mister a autonomia das províncias e dos municípios, e ao desenvolvimento da riqueza pública e particular.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Resolvida a magna questão do elemento servil, e agora, como consequência daquela, a de forma de governo, pela qual a nação, a julgar da adesão geral das províncias, parece que não tinha grandes simpatias, nada mais resta a todos os brasileiros, verdadeiramente patriotas, que se congregarem em torno da nova instituição, e mutuamente auxiliarem-se na regeneração da pátria.

A missão que há a desempenha é nobre, elevada e grandiosa, necessário se faz, portanto, que todos os cidadãos, que antes de tudo desejam a grandeza e felicidade da sua pátria, colaborem na colossal e nobilíssima tarefa.

Mais tarde será indispensável como elementos de conservação e regularidade do sistema governamental, que novos partidos se organizem, girando estes em torno da República. Nestes momentos, porém, é de alto dever, de ordem e patriotismo que todos os brasileiros se unam em comum trabalhem pela consolidação da nova instituição, símbolo respeitável da *atividade e grandeza da pátria*, e elemento essencial de tranquilidade e bem estar de todos.

É esse o meio de elevar ainda mais aos olhos do mundo este grande povo, que, pela segunda vez, acaba de dar tão alta prova dos seus sentimentos de ordem, de cordura e amor da pátria, sem exemplo na história dos outros povos.»

No primeiro aniversário da República, o *Diário* lembrava as incertezas do ano anterior quanto à efetiva “mutação” política do país, o que viria em seguida a se confirmar. Sem deixar de manifestar certo saudosismo

para com a forma de governo decaída, a publicação diária rio-grandina elogiava os caminhos que levariam à reconstitucionalização do país, com o final do regime ditatorial. Apontava para a continuidade de mazelas que marcavam a vida nacional, sem deixar de reforçar as esperanças de que o retorno ao “domínio constitucional” servisse para aplacar as rivalidades político-partidárias que já se faziam sentir na jovem República.

A República⁷

«Completa hoje o seu primeiro aniversário a jovem República Brasileira.

No dia de hoje, há um ano, foi o país profundamente surpreendido com a notícia dos graves e extraordinários acontecimentos que deram com a Monarquia por terra e fizeram surgir em seu lugar a República.

De tal ordem eram as notícias que circulavam, que a princípio dificilmente conseguiram impor-se à credulidade pública.

Forçoso foi, no entanto, dar-lhes crédito.

A República estava proclamada e, o que mais é, sem resistência e sem protestos, antes com adesões de muitíssimos que, ainda na véspera, consideravam a Monarquia a forma de governo mais apropriada a fazer a felicidade do Brasil, e o Imperador D. Pedro II o primeiro cidadão deste país e aquele a quem todos os brasileiros deviam veneração e respeito.

⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1890, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

A mutação no espírito do povo operou-se com a mesma rapidez com que se operou a mutação no vasto cenário político do país.

Mas a República estava proclamada e constituída, a ditadura que devia dirigi-la até entregá-la aos mandatários do povo.

Do povo que, nove meses depois, diante das urnas, mostrara ser ainda o mesmo que aclamara o velho soberano, de regresso da sua viagem à Europa, onde a morte pairara mais de uma vez em volta de seu leito; e que a 15 de novembro aclamara da mesma forma os que o desterravam para o Velho Mundo.

.....

Hoje será aberto o Congresso dos representantes da nação e daqui há alguns dias entrará esta, com a aprovação da constituição, na posse de si mesma.

E poder-se-á então dizer que a República está feita?

Só o Congresso, com seus atos de independência e soberania, ou de subserviência e cumplicidade, poderá, oportunamente, responder à pergunta.

Até aqui, não. No dizer de Aristides Lobo, Demétrio Ribeiro, Silva Jardim, José do Patrocínio e tantos outros batalhadores da nova forma de governo, a República está proclamada, mas resta ainda fazê-la.

E, descontentes por não estar feita já, uns retiraram-se para a Europa, outros rompem os laços que os prendiam aos atuais timoneiros e proclamam, alto e bom som, a necessidade de abandonar o caminho até agora seguido e de enveredar por outro mais

consentâneo e coerente com as doutrinas pregadas na oposição.

A verdade é que muito se há feito, mas não tanto nem como era de esperar dos atuais regeneradores.

Muitos dos vícios do antigo regime, e contra os quais tanto se indignavam os puritanos do novo sistema, aí estão ainda hoje imperando, e alguns em maior escala.

O patronato, por exemplo, prepondera ainda na alta administração.

O mérito continua a ser o título menos recomendável aos cargos públicos.

Mais do que ele conseguem o filhotismo e o empenho.

A política partidária, com a suas restrições atrofiantes, com a sua intolerância e os seus ódios, não foi ainda banida como elemento de atraso e de desânimo.

Às suas conveniências sacrificam-se, como antigamente, todas as considerações de ordem pública e todos os princípios de justiça.

A centralização, legado do regime decaído, está também em pleno vigor com o seu sistema de papelório, verdadeiro trambolho antepondo-se ao progresso dos Estados e a tão necessária simplificação do serviço público.

Promulgaram-se grandes reformas, se bem que algumas antagônicas, em pontos essenciais, dos princípios democráticos.

Algumas medidas administrativas, de alto alcance pela utilidade prática que delas há de advir, têm sido postas em execução.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Os melhoramentos materiais não recebido grande impulso, não há dúvida, e nessa parte do Estado do Rio Grande deve ser reconhecido por ver atendida a sua mais ardente aspiração – a iniciativa das obras que não de dotá-lo com uma barra franca e estável – início do seu futuro de prosperidade e engrandecimento.

Faz-se necessário, porém, cuidar seriamente de levantar o nível moral do povo, promulgando leis tendentes a que ele possa compreender os seus deveres e a melhor fazer respeitar os seus direitos.

Também no que diz respeito aos diversos ramos da administração pública, há muito defeito a corrigir e muita lacuna a preencher.

Hoje que a República comemora o seu primeiro aniversário, o nosso dever é fazer votos sinceros para que com a sua entrada no domínio constitucional, consiga aperfeiçoar-se em todos os sentidos, desfazendo ressentimentos e desconfianças, e firmando-se em bases que jamais possam ser destruídas.»

Novembro de 1891 foi marcado pela tentativa de golpe de Estado perpetrada pelo primeiro Presidente da República, de modo que serviu como oportunidade para que o *Diário do Rio Grande* manifestasse com maior ênfase sua insatisfação para com os rumos adotados pelo regime governamental nos tempos republicanos. As principais críticas se direcionavam a Deodoro da Fonseca e a um desvirtuamento pelo qual estaria passando a forma de governo instaurada no Brasil dois anos antes.

15 de novembro⁸

«Há dois anos que no dia de hoje foi proclamada a República Brasileira e, no entanto, quantas desilusões desde aquela a esta data!

E quem mais tem contribuído para elas é precisamente aquele que mais devia trabalhar para consolidar a República, e elevá-la no conceito geral dos povos.

O Sr. Deodoro, o principal colaborador das novas instituições, o homem a quem o país distinguira com a mais elevada posição política, a quem confiara o supremo encargo de dirigi-lo, tem sido e é a principal causa da precária situação em que se acha o país, do mau estar em todas as classes sociais, da perturbação que se nota em todos os serviços públicos e em todos os ramos de trabalho.

Sem capacidade para bem compreender os deveres inerentes à sua alta posição, o generalíssimo tem-se convertido em instrumento inconsciente dos ambiciosos vulgares que tanto o comprometem, comprometendo os créditos e elevados interesses nacionais.

Não compreendendo que o pessoal que o rodeia nada mais tem em vista que abusar da sua boa fé e ignorância, o Sr. Deodoro está impelindo o país para o abismo, quando podia, pelo contrário, impeli-lo para um futuro de prosperidade e grandeza.

O dia de hoje poderia ser de galas para a pátria brasileira, se outra fosse a orientação, o critério e o patriotismo dos que a governam.

⁸ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1891, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Mas não; o dia de hoje é unicamente de luto, porque não era esta de certo a República pela qual tanto se esforçaram os antigos propagandistas, nem a que imaginaram os que franca e lealmente aceitaram esta nova forma de governo.

Todos queriam uma República democrática, vazada ou vazada nos melhores moldes, visando ao engrandecimento da pátria, prestando culto à liberdade, representando a lei e fazendo do seu código político a base da sua futura grandeza.

Em vez disso o que vemos?

O chefe da nação e principal fundador da República, deturpando esta nos seus fins grandiosos, rasgando a constituição e proclamando-se ditador, afrontando o país com a sua vontade prepotente e, por esse modo, incompatibilizando-se com a opinião, que há de afinal condená-lo, como o Rio Grande já o condenou.

Não é, pois, de festas, infelizmente, o dia de hoje.

Festas só podem fazê-las os que rodeiam e exploram o ditador, abusando da sua fraqueza mental em prejuízo e descrédito da República.

Os patriotas que aspiram vê-la grande, forte, cheia de prestígio e respeitada, em vez de festas fazem votos para que com a queda da tirania, ressurgja para a República uma nova época de esplendentes promessas e grandioso futuro.»

Em 1892, a crise que tomava conta do Rio Grande do Sul revelava que a guerra civil já se tornara um caminho sem volta e, apesar do conflito bélico ainda não ter sido iniciado oficialmente, o clima de enfrentamento era já predominante. O *Diário* não deixou de demonstrar

sua desilusão para com tais circunstâncias, apontando que as rivalidades políticas estariam a desacreditar os ideais traçados para o modelo republicano.

A República⁹

«Completa três anos hoje a República Brasileira.

Manda a verdade que se diga, que não tem sido de loas para os interesses gerais do país e a vitalidade das novas instituições, estes três anos decorridos.

A ambição de uns, a falta de patriotismo e de orientação política de outros, têm sido a causa primordial da República não estar ainda tão consolidada quanto seria para desejar.

Aos erros dos governos e às paixões incandescentes da oposição, se deve atribuir a responsabilidade pelo que de mau e condenável tem ocorrido de 15 de novembro de 89 a esta parte.

Todos parecem desejar que a República se consolide em bases indestrutíveis, mas poucos relativamente manifestam praticamente esse intuito.

Três anos não é nada na vida de um povo, mas pode ser muito quando esse povo faz sincero empenho em assentar as bases da sua felicidade, do seu progresso e do seu futuro.

Apesar de tudo quanto possam dizer os otimistas, sente-se profundo mal estar em todo país.

Todos sentem que a República não entrou ainda no seu período de construção definitiva e segura, e que os culpados disso são, por um lado os governos que se têm sucedido desde a inauguração das novas instituições

⁹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1892, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

e, por outro lado, os desmandos dos partidos políticos, digladiando-se em lutas deprimentes dos seus intuitos patrióticos.

Assim é que as esperanças que hoje renascem de estarem de uma vez, removidas as dificuldades que se antepunham à firmeza inabalável da República, são amanhã desfeitas pelo tufão das paixões e ambições dos homens, e não raro dos que foram colaboradores ingentes da forma de governo dominante.

E os obstáculos que se julgava inteiramente vencidos, antepõem-se novamente à obra grandiosa da reconstituição do país em seus novos moldes.

Às esperanças de um dia sucedem-se, pois, os desenganos do dia seguinte; e assim vai decorrendo o tempo, e passando-se ano após ano, sem que a ninguém seja dado assegurar quando os amigos da República terão a indefinível satisfação de vê-la tratar seriamente e exclusivamente de promover o engrandecimento moral e material da pátria, e de derramar de um a outro extremo desta os benefícios que dela há a esperar.

Entretanto os votos do *Diário* são para que chegue brevemente esse período de paz, de ordem e de trabalho – as mais sólidas bases em que pode edificar-se a grandeza de um povo.»

Com a eclosão do embate bélico, em 1893, o *Diário do Rio Grande* sequer chega a publicar um editorial sobre o 15 de Novembro, restringindo-se a apresentar uma breve nota, informando sobre a passagem de mais um aniversário e manifestando o desejo pelo reestabelecimento de uma situação de normalidade para o país.

A República¹⁰

«Completa hoje o seu primeiro 4º aniversário a República Brasileira.

Que consiga superar as dificuldades que se têm anteposto à sua organização séria e estável, e possa, o mais breve possível, firmar-se em bases sólidas e indestrutíveis, promovendo o progresso do país, levantando o seu crédito e a confiança popular, derrubando de uma vez para sempre a barreira de ódios que divide a família brasileira – são os votos sinceros do *Diário do Rio Grande*.»

O tom comemorativo retornava em 1894, com o *Diário* mostrando-se crente na firmeza da República, que estaria a enfrentar obstáculos passageiros. Diante da guerra que continuava a campear nos campos sul-rio-grandenses, o periódico buscava demonstrar suas propaladas convicções republicanas e fortalecer sua postura apontada como apartidária, além de desejar o pronto restabelecimento da paz no cenário brasileiro.

A República¹¹

«O dia de hoje é de sincero júbilo para os que, na atual forma de governo, depositam todas as suas aspirações de grandeza, de progresso e felicidade da pátria.

¹⁰ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1893, p. 1.

¹¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1894, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Completando hoje o seu 5º aniversário, a República pode considerar-se inabalável em suas bases.

Apesar da série enorme de dificuldades que se tem oposto à sua organização definitiva, ela aí permanece de pé, firme, imperturbável, vencendo os obstáculos que se antepõem à sua marcha, não se detendo diante das barreiras que encontra em seu caminho, antes transpondo-as com a serenidade de quem confia no futuro e tem fé intensa na justiça da sua causa.

Sem filiações partidária, estranho inteiramente às lutas em que se digladia a família brasileira, o *Diário* é, não obstante, adepto convicto das instituições vigentes, não só por entender que estas impulsionam mais franca e rapidamente o progresso e estão mais em harmonia com a índole, o espírito e as tradições democráticas da América, como porque é convicção sua que a restauração monárquica, em vez de benefícios traria ao país uma longa série de males irreparáveis.

A nossa única aspiração, pois, é que a República possa afinal conseguir o desiderato da sua consolidação, para então consagrar-se exclusivamente ao desempenho da grandiosa missão do seu futuro de prosperidades, de grandeza e bem-estar.

Representante das classes conservadoras da sociedade, as mais interessadas no restabelecimento da paz interna, no respeito de todas as liberdades bem entendidas, no prestígio do poder público, e no regime das boas normas administrativas, o *Diário* faz votos para que o começo do 6º aniversário da República, coincidindo com o início do novo governo, seja também

o início de uma nova era de tranquilidade e de progresso.»

Comparando a forma de governo à existência humana, em 1895, o *Diário do Rio Grande* apontava para a juventude da República Brasileira, que estaria passando pelos percalços típicos de regime em afirmação. A perspectiva predominante era a de um otimismo, almejando dias melhores, ainda mais levando em conta que finalmente terminara a guerra que assolara o ambiente rio-grandense-do-sul.

A República¹²

«Seis anos completa hoje a República dos Estados Unidos do Brasil.

Seis anos, na vida de um povo, equivalem a seis dias na vida de um homem.

Não admira, portanto, que, ainda na infância, a República Brasileira não tenha ainda a firmeza, a decisão e a madureza que só a idade, a experiência e não poucas vezes as provações soem conceder.

Não há, pois, razão para desanimar da vitalidade e futuro da República, só porque esta não tem navegado em mar de rosas, sem dificuldades a superar.

Não; não devemos descreer do futuro da República pelo fato de em seis anos não ter ela conseguido consolidar-se.

¹² DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1895, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Não é o Brasil o primeiro nem o único país, onde a mudança radical das instituições custa longos anos de labor e de sacrifícios de toda a ordem.

Da mesma forma que não se praticam no corpo humano operações de grande risco, sem profundas perturbações em todo o organismo e demorada convalescença, não se operam reformas radicais na vida política de um povo, sem que este sinta por largo período de tempo as suas consequências.

Se o Brasil, em comparação com as velhas nações da Europa, está ainda, por assim dizer na infância, o que se dirá da República, fundada apenas há seis anos?

A França, que era um país de muitos séculos de existência, passou por muito maiores crises do que nós, quando em 89 tratou de conquistar para si um novo regime político e social.

A República Brasileira há de afinal conseguir a serenidade de que tanto precisa.

É questão de tempo.

Nem sempre ela há de ter por diante os obstáculos que lhe hão entorpecido a marcha.

Dias felizes hão de naturalmente suceder aos dias tormentosos porque temos passado.

Chamem-nos embora otimistas, mas nos parece divisar já no horizonte os primeiros sinais de bom tempo.

As nuvens espessas e sombrias, que escureciam o firmamento, começam a dissipar-se e não é preciso grande penetração visual para se ver ao longe os indícios que nos anunciam a terminação da tormenta.

Não desanimemos, pois, que não é caso para isso.

Confiemos no preclaro cidadão que dirige os destinos da República e na boa orientação patriótica dos seus dignos auxiliares.

Quem sabe se as terríveis provações porque tem passado a República, não servirão para mais solidamente cimentar as suas bases?

A melhor experiência é a que se adquire nas lutas e vicissitudes da vida.

A República tem lutado muito e passado por dolorosas vicissitudes, mas tem saído sempre vitoriosa.

Temos fé que sairá igualmente triunfante das dificuldades que houve ainda de encontrar em seu caminho, e que afinal se firmará em bases indestrutíveis.

São esses os ardentes desejos do *Diário*.»

Certo júbilo marcou o editorial do *Diário do Rio Grande* em 1896, que apontava a necessidade de um esforço em comum dos brasileiros, vencendo as diferenças político-ideológicas, para buscar o progresso nacional. Apontava para as potencialidades do país e apelava para um amplo engajamento em torno de garantir um melhor futuro para a jovem nação republicana.

A República¹³

«No regime dominante, o dia de hoje é o mais memorável e o que mais se impõe à consagração dos verdadeiros republicanos, que, nem porque a República

¹³ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1896, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

é mal dirigida, deixam de amá-la e fazer votos pela sua consolidação definitiva.

E assim deve ser.

Nem porque a República tem tido vida atribulada, nem porque tantos dos que colaboraram para o seu advento têm-lhe infligindo desgostos e contrariedades, impedindo-a de dedicar-se exclusivamente ao seu engrandecimento e bem-estar, devemos estimá-la menos.

Pelo contrário, o dever de todos os republicanos, qualquer que seja a opinião política que professem, presidencialista ou parlamentarista, unitarista ou federalista, é envidar todos os esforços ao seu alcance em prol da República, da sua tranquilidade e grandeza, para que melhor possa ela corresponder aos fins de sua essência, que é fazer do Brasil uma grande, próspera, poderosa e invejável nacionalidade.

Para consegui-lo nada nos falta do que a natureza pode conceder em benefício de um povo.

Tudo quanto poder promover grandeza material de um país, aí temos em profusão, faltando apenas que a mão do home e a sua inteligente e patriótica iniciativa transformem todas essas riquezas em valiosíssimos fatores de progresso e felicidade.

A República, pela natureza de suas instituições e consequente expansibilidade, é a forma de governo mais apta para converter todos esses vastos recursos de nosso solo em mananciais de prosperidade. Mas, para isso, é condição essencial haver paz e haver bastante bom senso e patriotismo para que se deixe aos mais capazes o encargo de dirigir os negócios públicos, sem serem perturbados pela ambição de uns e pelos desatinos de outros.

Se queremos que a República se firme em bases sólidas e se identifique com o espírito público, captando as simpatias e a confiança de todos, tratemos de torná-la querida do povo pela sua tolerância, pela seriedade e elevação dos seus intuitos, pelo acerto das suas deliberações e, sobretudo, pelo seu empenho em melhorar a situação do contribuinte.

Que o esforço de todos os patrícios seja, pois, não para agravar as dificuldades com que luta a República, mas para que ela possa, afinal, impor-se à confiança e ao apreço de todo o país.

Basta de aventuras.

Sem paz e sossego absoluto nenhum povo pode prosperar e cuidar séria e eficazmente de seu engrandecimento e do seu futuro.

Se queremos uma República forte e respeitada, digna dos seus grandiosos destinos, façamos-lhe o sacrifício dos nossos ressentimentos particulares, dos nossos despeitos e ambições.

O mal da República está em uma grande parte criar dificuldades aos que a dirigem por se julgar com direitos a ocupar as primeiras posições.

Pois bem; no dia de hoje, tão notável e querido para os republicanos sinceros, os nossos votos são que todos que desejam o triunfo definitivo do novo regime, abstraindo do que particularmente lhes diz respeito, façam o propósito de dedicarem-se com entusiasmo e com afã ao engrandecimento glorioso da pátria republicana.

Esse é o dever dos que se presam de republicanos e não desejam criar dificuldades ao estabelecimento do regime inaugurado faz hoje oito anos.»

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

As manifestações de instabilidade no Brasil permaneciam, tanto que em novembro de 1897 houve uma tentativa de assassinato do Presidente da República Prudente de Moraes, levando o periódico a restringir-se a publicar breves notas anunciando e noticiando os festejos alusivos à efeméride¹⁴. Já no ano seguinte, o aniversário republicano voltava a ser enfatizado, a partir da normalidade institucional, com a relativa tranquilidade na passagem da faixa presidencial de Prudente para Campos Sales, o que, segundo o jornal, equivaleria a um processo de pacificação nacional, propício aos festejos em torno da efeméride.

Aniversário da República¹⁵

«Sob os melhores auspícios e as mais risonhas esperanças festeja hoje a República Brasileira o nono aniversário da sua proclamação.

A paz domina hoje, de uma a outro extremo do país, o que constitui um fato notabilíssimo e denota que o espírito nacional, melhor orientado, compreende que é tempo afinal de sobrepor às lutas belicosas, prejudicialíssimas ao bem geral da nação e aos créditos da República, as lutas pacíficas da tribuna e da imprensa.

Duplamente auspiciosa e de regozijo é, portanto, a data que hoje se comemora.

Os princípios de ordem, de onde se deriva o progresso em suas múltiplas manifestações, impera hoje

¹⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 e 17 nov. 1897, p. 2.

¹⁵ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1898, p. 1.

em todo o Brasil, o que é uma glória para ele e motivo de justo desvanecimento para os seus filhos.

Oxalá às condições em que hoje se festeja o glorioso aniversário da República, outras e cada vez melhores se sucedam nos seus subseqüentes aniversários.

Salve! a jovem e esperançosa República Brasileira!»

O primeiro decênio republicano foi aplaudido pelo *Diário*, que considerava a forma de governo significativamente consolidada na passagem daquela década inicial. Voltava a demarcar o potencial do país em direção ao progresso, sem deixar de citar a “politicagem” como um dos males que ainda assolava a nação e enfatizava seu desejo de que a consolidação republicana se tornasse cada vez mais uma realidade inquestionável.

A República¹⁶

«Passa hoje o décimo ano após a fundação da República dos Estados Unidos do Brasil.

Não digamos – porque se a tal avançássemos erraríamos crassamente – que tem sido ela facilmente dirigível, que tem merecido o apoio unânime dos seus adeptos, em solidificá-la, em arraigá-la tanto quanto possível, em elevá-la, relativamente às suas forças, à altura em que já devera ter sido colocada, se não fora a

¹⁶ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1899, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

censurável cobiça de uns, a deslealdade perversa de outros.

Não. Na sua marcha para o progresso, para o nível a que se acham colocados os países aos quais vamos buscar exemplos salutareis, nessa marcha, dizíamos, tem a jovem República Brasileira por vezes tropeçado de encontro à desmedida ambição de muitos, sendo necessário, para não baquear, sustentar lutas ingentes, vencer sacrifícios enormes.

E é na sustentação, na vitória dessas lutas que se tem podido apreciar o vigor da obra de 15 de novembro de 1889.

É tendo em vista esse trabalho insano, que está a pedir um termo satisfatório, que todos os bons brasileiros, visando ao bem-estar material e moral deste caro Brasil, devem agremiar-se e, embora envidando esforços titânicos, exterminar, de uma vez por todas, os obstáculos que se antepuseram à solidificação definitiva da República dos Estados Unidos do Brasil.

Nem porque temos caminhado assaz vagarosamente para um futuro de prosperidade e de paz estável, no decênio que hoje passa; nem porque temos tido barreiras inúmeras a transpor a fim de manter a gigantesca obra de 89; nem por tudo, digamo-lo com convicção, devemos abandonarmo-nos a uma inatividade culpada e patenteadora do nosso desânimo.

A consolidação da República, antes do que qualquer outro desígnio, deve merecer-nos culto especial, deve merecer-nos o emprego de todas as nossas forças, de todos os nossos trabalhos.

A situação atual do país é auspiciosa, pode-se mesmo dizer, é esplêndida, em confronto estabelecido com a de alguns anos anteriores; melhorá-la mais e mais,

conseguir o apreço e a consideração das nações, tal é o afã a que se devem dedicar de corpo e alma os bons republicanos, pois que é essa a única maneira satisfatória de demonstrar o seu amor à pátria.

A sordidez emanada de uma politicagem mal dirigida, os dissabores quase sempre produzidos pelas lutas censuráveis ocasionadas pela falta de patriotismo, devem ser sempre rejeitados pelos que, antes de tudo, querem o desenvolvimento material do país, a estabilidade de suas instituições, a disciplina de suas classes armadas, o progresso do seu comércio, a prática são de suas doutrinas, a compreensão fiel de suas leis.

Se de rosas não foi o decênio decorrido, de nós próprios, os brasileiros, depende que doravante isso seja uma realidade.

O *Diário do Rio Grande*, que nada mais almeja do que uma viagem ininterrupta, através dos séculos, à República Brasileira, faz votos pela sua consolidação, agora, mais do que em qualquer outra ocasião, fácilima de se realizar.»

No último ano do século XIX, o *Diário do Rio Grande* comemorava o 15 de Novembro, considerando a implantação da República como uma “grandiosa conquista”. Apontava que ainda havia algumas incertezas nos rumos da nação republicana, mas preferia não inventariá-las naquele momento, optando pelo enaltecimento festivo da data em comemoração.

15 de Novembro¹⁷

«Há 11 anos que se comemora a data soleníssima quando, baqueando a realeza na terra brasileira, pela impavidez e prestígio de um militar ilustre, foi construído sobre os seus escombros o edifício novo de um novo regime político.

Dentre os grandes acontecimentos que avultam em nossa existência político-social, certo nenhum como esse se agiganta, pois que é o pórtico pelo qual a nação – despida de apegos seculares e atrofiantes do seu engrandecimento – entrou para o convívio dos povos republicanos.

Era assim terminada a obra imponente de um monumento que a fé acrisolada de obreiros da liberdade vinha cimentando com o esforço da sua pregação, na imprensa, no livro e na tribuna.

Passam 11 anos sobre a grandiosa conquista, alcançada no campo da paz, por entre saudações de fraternidade. É, entretanto, difícil afirmar com segurança se já foram satisfeitas as esperanças temerárias dos seus sinceros pregoeiros, dos que por ela jogaram até a própria vida.

Ao sistema constitucional que nos rege e pelo qual o Presidente concretiza o verdadeiro poder de ação do Estado, é que se pode ajustar o dizer de Laveleye: “quando um povo adota novas formas de governo, é insigne dita achar, para a direção do Estado, um homem que compreenda as necessidades do novo regime”.

À República Brasileira já foi dada a fortuna de ser assim governada?

¹⁷ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1900, p. 1.

Na lista de seus presidentes, militares e civis, a justiça histórica pode encontrar alguém cujo esforço e energia cívica se recomendem às homenagens da pátria, superior pela honestidade de suas intenções, benemérito pela nobreza de seu governo, respeitável pela equidade de sua administração?

Respondam por nós os fatos que vêm enchendo a existência nacional a que a data de hoje serve de marco cronológico; falem os atos, as ações, os procedimentos dos governantes.

Não é para aqui proceder a um tal inventário; e neste dia de festas só um pensamento nutrimos, só uma preocupação alimentamos: – que se praticando o ideal da República, o governo da opinião, esta pátria, que é a nossa, possa ocupar perenemente o majestoso posto que a sua grandeza lhe confere.»

Um longo editorial marcou a edição do *Diário* de 15 de novembro de 1901, propondo-se a fazer um “Balanço republicano”. Ao invés de abordar o conjunto dos últimos doze anos de formação republicana, o texto voltou-se mais a trazer detalhes do momento da instauração da República, em 1889, refletindo sobre os motivos que teriam levado à derrocada da forma monárquica de governo.

Balanço republicano¹⁸

«Quando, na manhã de 15 de novembro, explodiu a notícia de que se proclamara a República; o primeiro instante, de estupefação para todos, foi de

¹⁸ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1901, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

profundo abatimento para os monarquistas sinceros, e de inextinguível entusiasmo para a mocidade e para os propagandistas.

Contra os velhos hábitos da incurável leviandade e de comprometedora indiscrição das raças latinas, foi no maior sigilo que se preparou o extraordinário movimento, que nos devia conduzir à almejada situação de um povo dignamente emancipado. A prova é que, tranquilo e sossegado em Petrópolis, entregava-se calmamente o Monarca aos seus hábitos de *Mirandola coroadado*; sem desconfiar, de modo algum, que o trono ruía e o cetro se lhe escapava das mãos.

Se previsse, acaso, Pedro II a doloríssima surpresa que lhe reservava o 15 de Novembro, se ao conhecimento do ministério houvesse levado um informante qualquer a notícia de uma conspiração armada; não só não houvera dado o Imperador o triste exemplo da mais completa ignorância de quanto se passava, como se tivera aparelhado o governo para um simulacro de resistência, ao menos.

Todo esse criterioso sigilo, toda essa inteligente reserva, todo esse absoluto segredo bastariam, de per si, para afirmar o raro valor político dos revolucionários, e para aumentar as probabilidades de vitória com que seria lançado o movimento. Assim foi e assim devia ser.

Quer pelo desmedido orgulho de submeter à sua vontade onipotente a vontade e as opiniões do país inteiro, quer pela desatinada imprudência com que ia ferindo o amor-próprio e os melindres de todas as classes; o político a quem entregara a Monarquia a direção do ministério, apressava o advento da República. Tanto estava nas almas a revolução, tão diminuta era a possível resistência do governo, tão

moral atrepsia enfraquecera o organismo monárquico; que, sem um combate, sem uma escaramuça e sem um protesto de valor, desapareceu o trono do Brasil, como fuge uma nódoa de gordura a uma simples aplicação de benzina.

Ignorando que tudo quanto era interesse profundamente sacrificado pela abolição, como foi feita; que tudo quanto era solidariedade das classes armadas, acintosamente ferida por uma provocação antipolítica; e que tudo quanto era sonho da mocidade de então se canalizava para a corrente republicana, numa crescente convergência de esforços e de dedicações; acredita a Monarquia que uma simples promessa de indenização sopitaria o despeito dos fazendeiros, que a deportação de uns tantos oficiais amordaçaria o Exército e que as ameaças da *Guarda negra* afugentariam o ardor e as esperanças dos moços. Na imprensa, Bocaiúva travava, cada vez mais forte, a campanha da reforma. Na propaganda imediata, Silva Jardim era o tribuno incansável, cuja palavra de fogo não se esgotava jamais em argumentos e arrojos. No Exército, no elemento donde saíra a vitória, Benjamin Constant tornava cada vez maior a falange de republicanos, que fascinava a sua rara persuasão de mestre e que prendia o seu diamantino espírito de eleição.

Dadas essas diferentes circunstâncias; despertando arrefecido entusiasmo a sucessão de D. Isabel, que, mesmo para os monarquistas liberais, viria inaugurar no Brasil o clericalismo político; e, o que mais é, sem ter a Monarquia um altar no coração do povo; o desaparecimento do Império, se pasmo causou à maioria pela rapidez com que se procedeu, a ninguém deixou verdadeiras saudades.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

A manhã de 15 de novembro fulgia para a pátria, não como um simples arco-íris de esperança, mas como a primeira alvorada que pudesse ver um cego, ao qual se houvesse restituído a sensibilidade da retina. Todo o nosso adorado país agitou-se, moveu-se, sacudiu os músculos, como se despertasse de um sono prolongado. A República foi a excitação amoniacal combatendo vitoriosamente a letargia da embriaguez; foi a transfusão de um sangue sadio e vigoroso refazendo a impotente e mórbida fraqueza de um anêmico.

Os primeiros momentos justificaram plenamente todo esse delírio e todas essas esperanças. Não entrando em conta com a ação de José Bonifácio, ação que se traduziu na independência e na libérrima constituição do Império; o Governo Provisório fez mais pelo progresso político da pátria em seis semanas, do que havia feito a Monarquia em seis decênios. A crítica histórica, a que se baseia no critério filosófico e não a que se debate nos âmbitos estreitos de um partidarismo tacanho, quando fizer o balanço político do Brasil, há de reservar para esse luminoso período as mais alevantadas dignificações.

Se houvesse aumentado, ou se tivesse mesmo conservado esse extraordinário impulso de gigantes, o desânimo não teria lavrado, vez nenhuma, nas fileiras republicanas, e os monarquistas não teriam colhido argumento algum para ilustrar a sua platônica e inofensiva propaganda restauradora.

Mas, chegados à culminância do poder, ou por incapacidade política para o cargo, ou pela vertigem das alturas, ou pela incompetente colaboração de auxiliares incapazes; começaram os presidentes eleitos a errar, a

errar teimosamente, e a golpear cada vez mais fundo a alma republicana.

Começamos a observar na República o que já tínhamos visto na Monarquia e que, segundo Chiriboga, *es lo que nos descubre la dolorosa experiencia de todos los días; hombres agobiados bajo el peso de um nuevo despotismo, disfrazado com belissimos nombres.*

De vez em quando, como uma forte manifestação de energia e de vida, surge nesse curto período de doze anos – curto apesar dos esfalfados paralogismos com que pretendem comparar os monarquistas aso 67 anos do Império; surge, no entanto, a alma republicana forte, vigorosa e cheia de civismo.

No triste período da revolta, lutuoso período para ambos os partidos que se digladiaram, uma lição ficou. Foi a primeira vez que, depois da Guerra do Paraguai, se sentiu palpitar e viver a alma nacional. Com a justiça ou com o erro, com o direito ou com a ambição, manifestaram-se no Brasil essas duas coisas que chegam para provar que um povo ainda vive: um ideal e uma dedicação correspondente. E, para demonstrar que toda situação cria o homem de que precisa, foi nessa dolorosa luta entre irmãos que se revelaram no marechal Floriano as extraordinárias qualidades de estadista e a sua heroica e cega idolatria pela pátria.

Contra as pérfidas insinuações de que foi o dinheiro que venceu a revolta, ou de que foi o dinheiro que a impulsionou, basta perguntar que moeda é capaz de subornar a mocidade – esta sonhadora mocidade, que desconhece o interesse, e não pode ser tentada por isso mesmo; e que ignora a hipocrisia, e não pode por isso mesmo ser Judas.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

É possível que só o dinheiro tenha movido alguns caracteres baixos, e ao marechal Floriano só restava o recurso de comprá-los.

Mas, que dinheiro tentaria a mocidade acadêmica? Que dinheiro subornaria os moços da Escola Naval e das Escolas Militares? Que dinheiro peitaria o cavalheirismo de um Saldanha da Gama, que se deixou morrer fidalgamente em Campo Osório?

Depois desta manifestação de valor e de energia, que, se foi grande entre os revoltosos, não foi menor e venceu entre os legalistas; não morreu a alma republicana.

.....

Se são tristes os dias que atravessamos, não constituem eles um horizonte especial para o Brasil. A situação, alhures, não é nem mais próspera, nem mais calma, nem mais tranquila do que entre nós.

Caso tivesse continuado a Monarquia a sua vida improdutiva de animal hibernado, seria outro, porventura, o estado da pátria? Sem o braço escravo, que foi conservado até os seus últimos dias e que foi desalgemado por uma vitória extraparlamentar; qual seria para o Império a situação financeira, gravemente comprometida pela crise da lavoura? Paralelamente à crise financeira, que seria fatal, não se teria acentuado do mesmo modo a crise econômica?

Podemos afirmar que sim, sem necessitar da presciência de um taumaturgo. Só um extraordinário sociólogo pudera idealizar o que fora o Ocidente de hoje, sem que tivesse florescido a civilização romana. Um medíocre qualquer, e é o nosso caso, pode conjecturar,

porém, o que seria a Europa atual, se em Waterloo não houvesse baqueado o império napoleônico.

Mas, se apenas de pão não vive o homem, não é somente a prosperidade financeira que basta para assegurar a felicidade política de um povo.

A República, por pior que lhe seja a situação das finanças, situação em que tem grande parte o legado monárquico; a República tem sobre o Império esta incalculável e nobilíssima vantagem: ter posto o problema brasileiro com uma verdade e uma franqueza, que eram incompatíveis de todo com o regime imperial.

Hoje, se estão em plena evidência os nossos males e nossas úlceras, podemos medir, ao menos, as nossas forças reais e o nosso coeficiente de vitalidade.

Haja mais republicanismo nos republicanos que têm uma parte qualquer nos destinos do país, convirjam honestamente os esforços para o problema social, cesse de vez o reino das negociatas de gabinete; e a República, aplicada constitucionalmente, conduzirá o Brasil para a situação gloriosa ordem e de progresso, que lhe deve ser o limite para o qual vá tendendo através do tempo e da História.»

Na passagem do 15 de novembro de 1902, o jornal diário rio-grandino não chegou a enaltecer mais especificamente a efeméride, optando por trazer artigo que se voltava a dar mais ênfase à abordagem da transição na Presidência da República de Campos Sales para Rodrigues Alves¹⁹. Já o espírito de celebração retornava no ano seguinte, em artigo que exaltava aquela “soleníssima data”, que teria servido de “marco

¹⁹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1902, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

cronológico”, o qual teria definitivamente direcionado os rumos do país.

A data de hoje²⁰

«A soleníssima data que se comemora hoje e que serve de marco cronológico à história pátria neste regime, tem a força de acordar na alma republicana a lembrança de vultos gloriosos que pregaram com energia cívica e nova ideia, erguendo-a afinal, como edifício forte, sobre os escombros de uma instituição secular.

Assim, a despeito dos males e provações por que tem passado o povo nestes anos decorridos de República, o olhar patriota volve-se agradecido para aqueles que a instituíram, entregando ao mesmo povo os seus direitos e a sua força.

Não é o regime o mau, mas o seu abuso ou a sua adulteração; porque a República é “a síntese do governo que faz a grandeza dos três mais notáveis povos do mundo: os Estados Unidos, pelo prodigioso desenvolvimento e assombrosa atividade dos seus recursos e da sua população; a França pela inexcelável fecundidade do seu espírito e pela superioridade incomparável dos seus ideais artísticos e políticos; a Suíça, pelo amor às suas liberdades e pela simplicidade honesta e boa dos seus costumes e tradições”.

Há de chegar o momento aspirado por aqueles que, há treze anos, escreviam em nossa história o maior feito político depois da independência, assim dizia o Dr. Manoel Vitorino.

²⁰ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1903, p. 1.

Hoje, a República é e deve ser a pátria: em torno dela todos os brasileiros se podem estreitar, expurgando-a dos seus males, corrigindo-a dos seus erros, erguendo-se nas suas aspirações e nos seus intuitos, engrandecendo-a nos seus atos e nos seus feitos.

Bem haja, pois, o dia de hoje.»

Ao completarem-se os primeiros três lustros da existência republicana, em 1904, o *Diário do Rio Grande* buscava esclarecer que ainda se tratava de um regime jovem, cuja consolidação se anunciava, à medida que fossem vencidos os percalços restantes. A tendência geral do editorial era de regozijo e mesmo de ufanismo, apostando em propaladas grandezas do país que o levariam a um futuro venturoso, o qual deveria ser acompanhado por manifestações patrióticas de parte do povo brasileiro.

15 de Novembro²¹

«Já vão passados quinze anos depois que se proclamou a República e ainda mal se pode ensaiar o seu regime de governo.

O convolvo dos espíritos foi imenso e o aparelho governativo não podia deixar de sofrer-lhe as consequências.

Não é impunemente que se substituem instituições, nem podem os povos adaptar-se de um momento para outro a métodos novos de administração.

Há sempre preconceitos a destruir, interesses a defender, convenções a harmonizar.

²¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 nov. 1904, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Os obstáculos surgidos foram, portanto, naturalíssimos, e muito feliz se deve considerar a comunhão brasileira por ter visto apenas algumas porções de seus membros debaterem-se entre o passado, na defesa de foros injustos, e o presente, na conquista de direitos universalmente reconhecidos.

Lutas de princípios, questões de escolas, interesses de posições, solidariedades partidárias, tudo enfim quanto é próprio dessas transformações políticas, desses estremecimentos econômicos, começa a ceder campo à razão e a facilitar o funcionamento regular do maquinismo republicano, para felicidade dos corações brasileiros e engrandecimento da pátria.

Um que outro estorvo ainda de vez em quando impede o exercício das liberdades constitucionais e não raras vezes com culpabilidade dos encarregados da sua defesa; mas é isto próprio do início de todos os tentames onde há que atender a conveniências que só a tolerância garante.

Mau grado todos os defeitos resultantes da imperícia própria dos novos, nenhum povo pode orgulhar-se de ter feito tanto como o nosso em tão pouco tempo.

É preciso não fechar os olhos à evidência; deixemos a razão livre e que a verdade resplandeça pura e santa como deve sê-lo.

O Brasil de hoje está muito superior em progresso material e moral ao de 1889.

Para julgá-lo não precisamos escavar defeitos, descobrir erros ocultos nos arquivos políticos; basta olhar as estatísticas e folhear a imprensa diária.

Nem sirvam de libelo contra a República os fatos anormais: os escândalos do Congresso, os abusos de

confiança, os desfalques das repartições públicas, as arbitrariedades policiais e governamentais. São excrescências, males que superabundam em todos os regimes e por si mesmos, quanto ao nosso, atestados da grandiosa transformação operada no país, e que desaparecerão tão depressa se organize completamente a administração.

Não são estáveis, apesar de não poderem as instituições transformar os homens.

Haja patriotismo, eduque-se o povo, ame-se a República, e segura estará a prosperidade e ventura da pátria.

Tais os votos que fazemos ao saudar o 15º aniversário da proclamação do novo regime.»

Artista

O *Artista* surgiu em 1862 e, conforme seu próprio título sugeria, constituiu um semanário dos artífices, visando a congregar tal categoria, despertando um espírito de classe em seu seio. Com mudanças administrativas e editoriais, o periódico viria a se afirmar como uma das principais publicações diárias de natureza noticiosa, literária e comercial da cidade do Rio Grande. Durante o período imperial, o jornal demonstrou intensa proximidade partidária, podendo até mesmo ser considerado como um doutrinário liberal. A mudança da forma de governo significaria uma guinada no norte editorial da folha, que teve de se readaptar às novas circunstâncias, notadamente diante da coerção governamental para com a liberdade de imprensa, condição que se agravou com os conflitos bélicos desencadeados a partir de 1893.

Mesmo após o encerramento da Revolução Federalista, o *Artista* buscou manter seu discurso voltado a supostas imparcialidade e independência quanto aos partidos políticos. Assim, em 1896, o jornal afirmava que “a paixão partidária” não exercia qualquer tipo de influência no seu “espírito”, optando pelo “desejo manifesto de conciliação da família rio-grandense”. Dizia ainda que procuraria garantir que era um convicto defensor dos ideais republicanos, além de destacar, em 1898, que constituía uma “folha independente, sem

filiações de partidatismo” e “fora da órbita onde giravam as paixões em excesso”, bem como se colocava na condição de uma publicação “dedicada ao progresso desta terra rio-grandense, lutando pelas causas que mais a interessavam e dignificavam”. Já em 1900, o periódico criticava os procedimentos da “imprensa partidária que levava a vida a atirar insultos e a só dar as notícias que favoreciam os seus ideais”, uma vez que considerava a imprensa como a “mantenedora da ordem”, a qual devia “esforçar-se por educar o povo nos nobres princípios da obediência à lei e do respeito pelos direitos humanos”.

A partir de 1901, o jornal passou por uma etapa de completa indefinição editorial, além de publicar artigos e manifestos dos grupos que se digladiavam no terreno partidário, além do que, em uma espécie de retorno às origens, voltou a tratar de assuntos intrinsecamente ligados ao operariado. Nessa indecisão quanto aos rumos editoriais, o periódico chegou a editar uma “Seção Operária” e artigos doutrinários a respeito do socialismo e das formas de organização dos trabalhadores. Ao completar seu quadragésimo aniversário, em 1902, o próprio diário reconhecia as dificuldades que enfrentava, afirmando que a sua publicação atravessava “um sem número de obstáculos cada qual mais terrível” e que só “lutando titanicamente contra os escolhos de uma existência tormentosa”, era conseguida a manutenção da sua circulação.

Ocorreram constantes tentativas de reorganização da folha, buscando modernizá-la e adaptá-la aos novos tempos vividos pelo jornalismo. Foram anunciadas várias reformas tipográficas e prometidas diversas “novas fases”, à medida que diferentes redatores eram contratados. Nessa busca de

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

modernização o diário rio-grandino chegou a publicar caricaturas e fotografias nas suas páginas, em tentativas que não passaram, porém, de experiências pouco duradouras. Chegou a ter uma breve recuperação, quando obteve uma certa reordenação financeira e uma razoável reorganização editorial, buscando sustentar o modelo de uma publicação de caráter informativo. Apesar das constantes reformas, “novas fases” e tentativas de modernização, a crise do periódico aprofundava-se, culminado com o encerramento de suas edições em 1912²².

À chegada da nova forma de governo, o *Artista* revelava que não se colocara entre os propugnadores do ideário republicano, não tendo lutado pela causa da mudança da forma de governo, mas, mesmo assim, diante da implantação da República, resolvera aceitar e aderir “ao movimento reformador”. Diante de possíveis dúvidas despertadas quanto à sua manifestação no que tange à modificação política do país, o periódico reforçou suas asseverações por meio de outro editorial no qual buscava reafirmar qual seria “A nossa atitude”, confirmando a sua aderência ao regime implantado a 15 de novembro.

²² Sobre o *Artista*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 231-269.

A República²³

«Às velhas instituições subvertidas, outra acaba de ser substituída.

A República passou de sonho dos adversários da velha organização, a fato consumado, pela fatalidade revolucionária dos acontecimentos.

Não fomos dos que estiveram na brecha e se bateram para operar a transformação, que se realizou. Ao contrário, estivemos ao lado dos que defendiam a antiga construção social, porque, em nossa consciência, questão superior à forma de governo era a da ordem pública, e a Monarquia tinha em seu favor a tradição.

Defendendo as instituições não era a coroa nem a dinastia, mas a paz e a unidade nacional, que procurávamos manter.

Para nós, a vantagem das instituições estava no fato de existirem, e de à sombra delas se ter mantido a paz e a estabilidade, realizando-se o progresso e o desenvolvimento da nação.

Supúnhamos, com franqueza o confessamos, que a mudança de instituições fosse o início de um período de desordem, e a muitos até se afigurava inevitável o desmembramento e a desorganização da nacionalidade.

A transformação, porém, acaba de realizar-se. A República é um fato consumado.

Qual a nossa posição? Qual o nosso pensamento agora?

Em poucas palavras, o definiremos claramente e com a maior franqueza, sem hesitações e sem subterfúgios.

²³ ARTISTA. Rio Grande, 18 nov. 1889, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Aceitamos a ordem de coisas estabelecidas: aderimos ao movimento reformador; acompanhá-los-emos.

Acreditando, embora, secundária, a questão de sistema político, e agora, como sempre, sendo o nosso fito principal a ordem pública, entendemos que no momento atual, ante os sucessos que se desdobram, não deve haver senão brasileiros, e que o dever de todos é cooperar, sem exclusões nem divergências, cada qual na medida da sua condição, para que a reconstrução do edifício social derrubado se efetue, sem comoções que estorvem a atividade nacional, sem conflitos que nos possam fazer retroceder no caminho da civilização.

Extinta a causa, cessam os efeitos.

Destruído o trono, anulado o direito monárquico, não pode haver monarquistas. Os que persistissem no afã de consolidar e reerguer uma instituição que não soube defender-se, dar-se-iam a uma empresa impossível, cometeriam uma loucura, deixando-se levar por uma miragem.

Já agora, diremos a verdade inteira, como a entendemos, embora ela a alguns possa parecer brutal.

A coroa, aceitando – se é certa a notícia recebida – um preço pela renúncia dos direitos que exercia, arrancou as raízes que a prendiam ao solo brasileiro, desatou os laços que a ligavam aos partidários do sistema monárquico.

Como o Esaú da história bíblica, a dinastia trocando por ouro o seu direito, desligou-se completamente e para sempre da nacionalidade brasileira, fazendo perder até a crença, que todos nutriam, da extrema abnegação do príncipe, que ocupava o trono.

Neste momento, pois, o dever de todos os brasileiros, sejam quais forem as convicções que tenham alimentado, quaisquer que sejam as suas simpatias por determinada forma de governo, é serem simplesmente brasileiros, esquecendo todas as divergências e todas as discórdias, que nos têm dividido.

A ocasião é difícil. Ante a inconsistência dos elementos conservadores da sociedade brasileira, agora que tudo se tem de consolidar e reedificar, porque tudo foi abalado e se desmoronou, devemos congregarmos todos para que se não perturbe a paz pública, e subsista a integridade nacional.

Que se passe um traço sobre o passado, e que das cinzas dele ressurja a pátria forte e unida!

Que a torrente, que minou os alicerces do nosso velho edifício social, afogue também os ódios e as malquerenças produzidas pelas divergências e pelos antagonismos políticos!

A ordem é a primeira, a condição essencial da existência de uma nacionalidade.

Unamo-nos todos para que neste momento difícil da nossa existência, como nação, o trabalho da remodelação social não acoberte a liquidação de antigos ódios e a satisfação de paixões perigosas.

O Brasil tem sido excepcional, quanto ao modo por que se tem efetuado as grandes transformações da sua vida política.

O 7 de Setembro, o 7 de Abril e o 13 de Maio realizaram-se sem os conflitos e horrores que noutros países acompanharam as mudanças de sistema político.

Temos íntima esperança e sincero desejo de que o Brasil dê agora um novo testemunho da cordura, do bom senso e do patriotismo de seus filhos.

É isto o que pensamos. Não estivemos entre os que trabalharam para destruir o que existia.

Somos, porém, brasileiros e a todas as questões e a todas as divergências antepomos a paz e a prosperidade da pátria, e por isso cooperaremos, na medida exígua das nossas forças, para que a obra da reconstrução se conclua e afirme para glória da nação brasileira.»

A nossa atitude²⁴

«Não julgamos que nos fosse necessário explicar o nosso pensamento e a nossa atitude neste momento, porque acreditávamos ter sido perfeitamente claros, na franca declaração que fizemos, em nosso número de segunda-feira.

Gostamos, porém, das situações claras, definidas. Não nos esquivaremos ao juízo que a opinião pública pronuncie. [...]

O nosso dever, portanto, é explicar bem o nosso sentimento e o nosso pensamento, para que nenhuma dúvida subsista sobre a orientação que regula o nosso procedimento.

Não atacamos a probidade pessoal do príncipe que foi deposto, e pela generosidade do coração, pela retidão e patriotismo fez jus ao respeito e à consideração de todos os brasileiros, mesmo dos que atacavam as

²⁴ ARTISTA. Rio Grande, 20 nov. 1889, p. 1.

instituições como um obstáculo às liberdades dos cidadãos e ao engrandecimento da pátria.

Aderindo à transformação, que se efetuou, e não tendo estado entre os que trabalharam para realizá-la, mandava a justa compreensão dos deveres da mais simples probidade, que manifestássemos o sentimento e a ideia, que nos aconselhava a nova atitude.

Foi isso que fizemos, sem subterfúgios, nem tibieza.

E com toda a lealdade, com a maior franqueza agora declaramos que assumimos a responsabilidade inteira do que escrevemos, conscientes que dissemos a verdade, e nem de leve ofendemos a pessoa do monarca deposto, que se para nós foi digno de respeito no trono, mais sagrado nos é agora que vai a caminho do exílio.

A dinastia nos referimos, quando dissemos que no Brasil não podiam subsistir monarquistas, desde que a Monarquia se desligava do solo da pátria, aceitando um preço ou compensação da sua renúncia.

Não aludimos ao Imperador que foi deposto, mas evidentemente a quem no período do seu enfraquecimento mental o tem dirigido, e ainda agora, neste momento, abusou certamente da decadência do espírito do príncipe magnânimo, cuja vida foi toda de abnegação, para em seu nome aceitar o que dissemos ser o preço da renúncia. [...]

Aceitando-a, a dinastia desprendeuse dos laços que a ela ligavam os partidários da forma monárquica, porque como há de ser reivindicado um direito que evidentemente cessou, desde que os portadores dele receberam uma remuneração?

Esse ato, se não é desdouro, e antes pode ser invocado como testemunho do patriotismo da dinastia,

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

demonstrando que ela preferiu o sacrifício próprio a atear no solo nacional o incêndio devastador de uma luta fratricida, nem por isso deixa de importa na abdicação de todos os direitos que exercia, e na completa separação dos liames, que uniam a dinastia à nacionalidade brasileira. [...]

Aderindo à nova ordem de coisas, e dizendo o que sentimos, só em nosso nome falamos.

Não intentamos prestar serviços a uma causa que está vencedora, e a qual, como lealmente declaramos, não prestamos auxílio antes da vitória, com o fito interesseiro de fazer jus ao engrandecimento dos que trabalharam para o triunfo.

Nunca especulamos, nada pretendemos até hoje; não o faremos agora.

Somos brasileiros, e aceitando o fato consumado, na obra da reconstrução do edifício social derrubado, cooperamos nos limites fixados pela compreensão do nosso dever, para que ela se realize em completa paz e sem sacrifício da liberdade e dos direitos dos nossos concidadãos.

Ninguém nos viu ainda em roda dos que trabalharam para a reforma, procurando conquista-lhes as boas graças.

Entre os que têm ido levar a oblata do seu incenso aos homens preeminentes do novo governo, podem ter estado outros, e alguns até que tenham recebido distinções e favores do poder extinto.

Nós continuamos simplesmente a trabalhar, honesta e dignamente.»

A passagem do primeiro ano de implantação da República, em 1890, foi observada a partir de um olhar crítico de parte do *Artista* que, sem demonstrar filiações partidárias, manifestava discordâncias para com os rumos do novo regime. Ainda que não pessoalizasse seus desacordos, o jornal apontava para certas incongruências no modelo que se instaurava, concentrando sua abordagem crítica em relação aos limites do alcance democrático republicano, ao demarcar a pouco efetiva participação popular no regime recém-instaurado.

Um ano²⁵

«Fez anteontem um ano que as forças do Exército e da Armada, em nome da nação, proclamaram a República do Brasil.

Em homenagem à sabedoria do Governo Revolucionário, que desde então tem regido discricionariamente os destinos nacionais, ergueram-se de toda a parte as hosanas dos adoradores do poder e queimou-se o incenso das louvaminhas interesseiras.

O oficialismo e a massa flutuante e sem destino, que aplaude todos os governos, porque representam o orçamento, associaram-se para entoar os hinos triunfais e seduzir a opinião com o brilho fátuo de regozijos artificiais.

O povo, esse não partilhou do entusiasmo oficial, e no dia destinado para a apoteose dos dominadores atuais, persistiu na mesma apatia de todos os dias.

²⁵ ARTISTA. Rio Grande, 17 nov. 1890, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Do mesmo modo que às profundidades do oceano não chegam às ondulações da superfície, as festas preparadas pelo oficialismo, para deslumbrar e conquistar a opinião não conseguiram agitar e aquecer a alma popular.

O momento, realmente, não é para expansões de júbilo, e para festas e regabofes.

No momento, que vamos atravessando, o horizonte não está de todo limpo de nuvens, e se fosse possível descortinar através do véu que o encobre, o que nos reserva o dia de amanhã, quem sabe se não divisaríamos próximo o despotismo das baionetas ou a anarquia das ruas, em vez do governo do povo, que a revolução nos prometeu.

O país estava minado pela corrupção; a revolução fez-se para trazer-nos a República e com ela a regeneração e a salvação da pátria.

Mas... estamos acaso em caminho da realização do ideal democrático? Deu-se ao povo a responsabilidade dos atos da nação?

Não.

O direito do voto ampliou-se, mas impediram-se os cidadãos de exercê-lo livremente, por meio de um regulamento eleitoral, instrumento de fraudes, que presidiu ao comício de setembro, em que o voto popular foi estrangulado.

Restaurou-se o sentimento da dignidade cívica, e levantou-se o prestígio da soberania popular?

Também não. O governo arrogou-se o direito de árbitro soberano dos destinos nacionais, abatendo e desprezando a opinião do povo, e mantendo os mesmos processos de corrupção que foram o vício mais deprimente do regime deposto.

A corrupção continua a ser norma de governo, e esse é, talvez, o erro mais perigoso de quantos têm praticado os homens a quem a revolução entregou o país.

Para manutenção da posse do poder e para conquista de apoio, continua aberto o mercado de consciências, e a fazerem-se da submissão e da venalidade títulos de benemerência.

A liberdade do pensamento tem sido coarctada; os impostos avolumados para atender às necessidades prementes das despesas aumentadas de dia para dia; o nepotismo e os privilégios têm sido adotados e praticados sem reboço e sem limite, e para mais relevo de tais meios de compressão e de corrupção fizeram-se as aclamações e de conhecida pobreza, os estadistas novos passaram repentinamente à faustosa opulência, seguindo as pegadas dos Santos e dos Celmans platinos, para quem o poder é unicamente caminho da riqueza.

Prometeram-se o governo do povo e a federação.

O governo, porém, decretou uma constituição que dá ao chefe da nação direitos mais latos e absolutos que os do sultão e cria ministros irresponsáveis, convertendo-os de servidores da nação em servos do Presidente e, por fim, deu-nos um parlamento que há de aprovar, sem discutir e sem hesitar, aquela lei, ou, por ventura, arriscar-se à sorte do célebre parlamento que Cromwell mandou dispersar pelas baionetas dos seus pretorianos.

A organização federal...

Mas os Estados hoje carecem absolutamente de autonomia; não se administram livremente, é o poder central quem governa, impondo a sua vontade até nos mínimos pormenores do localismo, e estabelecendo uma

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

rede centralizadora de mais apertadas malhas que outrora.

A ditadura tem vivido improvisando fórmulas e soluções, e desprezando a soberania popular, tem imaginado reconstruir de golpe o edifício nacional, ditando reformas irrevogáveis, como Moisés, entre trovões e o fogo das sarças de Oreb, ditou as leis ao povo hebreu.

No meio das incoerências, das contradições e dos erros praticados, o que a ditadura tem patenteado e afirmado sempre, é que a seus olhos só há um direito – o da força; uma força única – a riqueza, e que os direitos dos cidadãos e a opinião nada valem e nada significam.

Os maiores bens dos povos são a liberdade e a ordem; do consórcio destes sagrados princípios depende a grandeza das nações.

A liberdade não se viola impunemente, nem se sufoca, e os esforços para a amordaçar produzem, cedo ou tarde, inevitavelmente, convulsões que abalam as sociedades e as arremessam ao abismo das desordens.

Libertas quae sera tamen...

A paz reina em todo o Brasil, e isso se invoca como um título de mérito e de glória para o governo, que nos dirige há um ano.

Essa tranquilidade, essa morna e atônica clama da população, não é talvez um sinal de aprovação e de aplauso, mas antes mero resultado da indiferença, que é o nosso característico principal e se mostra bem na falta de convicções, no abandono dos direitos e na facilidade com que todos os vencedores encontram admiração e apoio.

E quem sabe, pode ser que o povo tenha razão, deixando passar, sem quebrar a habitual apatia, os

desfalcamentos de toda a classe que aí estão
prenunciando maiores usurpações.

Abre alas, pois, aos turifários do poder e aplaude,
povo, a exautoração dos teus melhores direitos!

Oprimem-te, desprezam-te? Sangra-te a garra do
poder?

Que importa?

Curva-te e humilha-te aos reformadores, que,
para regenerarem a pátria, fazem do país patrimônio
seu.

Dizem que estamos na República...»

Apesar do clima de instabilidade que dominava o
Brasil em novembro de 1891, com o golpe de Estado pelo
qual o Presidente Deodoro da Fonseca buscara fechar o
Congresso Nacional e enfeixar o poder ditatorial de
volta em suas mãos, o *Artista* procurou estabelecer uma
postura mais moderada, evitando tratar dessa temática.
Nesse sentido, a opção foi pela homenagem à efeméride
e ao espírito comemorativo, concentrando o editorial nos
acontecimentos de dois anos antes, com ênfase à justeza
na mudança na forma de governo efetuada em 1889.

15 de Novembro²⁶

«Quaisquer que hajam sido os erros da
República, e qual é a nova forma de governo de um para
outro momento implantada, que os não tenha tido? O
país não pode deixar de bendizer a revolução pacífica e

²⁶ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1891, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

gloriosa que o Exército e a Armada, em nome da nação, realizaram, há dois anos, no dia de amanhã.

A inteligência ativa e vigorosa do velho e honrado monarca que por espaço de dez lustros dirigira os destinos deste país, há muito que entrara na penumbra de uma senilidade agravada pelos enfraquecimentos de enfermidade pertinaz; a lucidez incontestável de seu espírito, outrora tão penetrante e vivo fora absorvida pelo esquecimento resultante de um excesso de atividade; à sombra dessa obliteração que ameaçava progredir, os áulicos do palácio Isabel conspiravam contra o povo, aplanando o terreno e desbravando o caminho para que se impusesse inevitavelmente o advento do 3º reinado, sob a responsabilidade histórica de uma princesa fanática e de um estrangeiro incompatibilizado com o espírito livre do povo brasileiro.

O último governo, saído das antecâmaras do palácio da futura imperatriz, suspeito de preposto dos interesses da dinastia que já havia chegado ao seu ocaso, alimentara a veleidade de deter a marcha vitoriosa da ideia republicana, e seduzido, desvairado pelas glórias da árdua e difícil missão que se impusera, julgando-se forte, quando moralmente era fraco, não hesitou ante um golpe temerário de audácia, em favor da instituição que caíra em descrédito, minada pela propaganda intemerata de uma mocidade, rica de talento, de esperanças e patriotismo.

O Exército que, pela ilustração de seus oficiais e ainda pelo espírito independente, altivo e patriótico de seus principais chefes, julgaram-nos suspeito de favorecer as manifestações, cada vez mais acentuadas do espírito republicano, tornou-se o ponto fixo sobre que

entraram a convergir as vistas do governo, empenhado em submetê-lo a uma passividade indecorosa, que nem se podia compadecer com a altivez e dignidade do soldado nem se conciliar com a noção cívica que o amor da liberdade que lhe ensinara a conceber como cidadão.

Alguns atos de violências injustificáveis, de grosseiras medidas de desforço provocador, tomadas contra oficiais distintíssimos do Exército e da Armada, implantando profundo desgosto no seio dessas duas coletividades que a lógica insensata do governo entendia que deviam esposar os interesses da dinastia em oposição às aspirações da nação, acabaram por alienar daquela todas as simpatias que a política prudente do velho monarca soubera entreter.

A revolução de 15 de novembro foi, portanto, o resultado de uma confraternização tácita entre os órgãos mais poderosos e viris da nação, em acordo pleno na função jurídica da livre escolha de um governo adaptável às suas aspirações, sentimentos e ideias.

A Monarquia tinha-se tornado uma letra vencida de que a generosidade da nação credora havia prorrogado a execução.

O repto atirado pelo altivo governo à dignidade do Exército que se julgara fácil corromper, reduzindo-o a uma legião de janízaros ao serviço da Monarquia, unificou a nação armada com a nação civil no mesmo pensamento de reivindicação dos brios nacionais, sacrificados às conveniências da família imperial.

A revolução realizada em 15 de novembro de 1889, entre às aclamações uníssonas de um povo, confraternizando em plena harmonia de vistas e aspirações foi, portanto, duas vezes santa, porque correspondeu ao advento da vitória de um princípio que

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

há muito triunfara, na consciência nacional, e evitou funerais de sangue que o aulicismo preparava ao velho monarca, no caso de manter o propósito da continuação histórica de uma instituição que se despolarizara.

Implantada a República com aquiescência tácita da nação, com admiração dos povos estrangeiros, surpreendidos do nosso espírito de moderação, prudência e tolerância, a contingência humana tem-se revelado nessa obra augusta de patriotismo, por desvios fatais que não podem manchar a soberania do princípio e quando muito deslustram os intuítos daqueles que assumiram o encargo de ser os intérpretes da sua realização prática.

Eis a razão porque dissemos que ninguém terá bons motivos para deixar de bem dizer a revolução realizada no Brasil em 1889, e que já agora – quaisquer que tenham sido os nossos erros – devemos manter, por honra nossa e créditos do nosso caráter e educação política, sob pena de darmos ao mundo o exemplo tristíssimo de uma volubilidade e falta de caráter sem iguais.

A República tem inimigos? Tem-se desacreditado pelos erros daqueles mesmo que assumiram perante a história a responsabilidade de serem os seus fundadores?... Pois bem! Eliminem-se esses traidores, como se expelem as impurezas que prejudicam as funções de um organismo; mas que o país, o povo brasileiro, por honra sua não cesse de dizer:

Viva a República dos Estados Unidos do Brasil.»

No ano de 1892, o *Artista* voltava a enaltecer a data alusiva à implantação da nova forma de governo. A

folha considerava que a queda da Monarquia fora cercada por certa naturalidade, tendo em vista seu próprio enfraquecimento, de modo que a República torna-se rapidamente um “fato consumado”. Mesmo assim, considerava que a consolidação republicana tratava-se de um processo que ainda não se tornara completo, havendo a necessidade de medidas que levassem à afirmação plena do regime. No entanto, argumentava que tais etapas de consolidação eram comuns no cenário internacional, vindo a optar pelo enaltecimento de fundo patriótico para com a efeméride.

15 de Novembro²⁷

«Há três anos, no dia de amanhã, sob os esplendores de um sol tropical, numa bela manhã em que tudo eram risos e harmonia, quando a natureza entrava a entoar o canto do estio, ruía por terra o único trono que ainda se erguia de pé nesta livre terra da América, fadada para viver na agitação constante das glórias incruentas da civilização , e menos dado à contemplação estática de tradições que não são inteiramente suas.

A força das leis históricas manifestava-se ainda uma vez na sua frieza glacial, abolindo uma anomalia, que disformava a feição política dos povos americanos.

A Monarquia caiu, como nascera, sem grave comoção, sem que alma nacional se abrisse numa expansão de cólera ou se fechasse em uma contração de saudade.

²⁷ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1892, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Três dias depois, o velho Imperador, acompanhado de sua família, deixava o país que sob a forma constitucional representativa governara, todavia, a seu talante, seguindo exilado para a Europa, onde o acompanharam alguns fidalgos a quem enchera de honrarias e a saudade de meia dúzia de desvalidos que, na liberalidade do soberano, encontravam a subsistência de cada dia.

A maioria da nação, a parte superior que não constituía fatalmente, ainda naquela época o partido republicano, embora dia a dia cada vez mais forte e arregimentado, curvava-se ao fato consumado, sem opor resistências ao ato que em seu nome, o Exército e a Armada se permitiram levar a efeito.

Seria covardia esse indiferentismo com que a nação vira desabar o trono que poucos dias antes se julgava, pelo menos, inabalável durante a vida do Imperador?

Aceitar essa hipótese seria admitir o paradoxo de que a bravura e a coragem pudessem unicamente constituir o apanágio de uma classe que representa uma mínima parte, enquanto a nação constituindo maioria compacta e esmagadora se mostrasse, em contraposição àquela, enervada por uma carência absoluta de todos os estímulos da força e por uma anemia profunda de todas as energias da honra.

Quaisquer que sejam as razões que o nosso juízo formule, tudo podemos admitir, menos esse absurdo que está em contradição com o nosso caráter, com a nossa dignidade de povo livre e com todos os nossos antecedentes históricos.

A nação curvara-se sem resistência e diremos ainda sem contrariedade, ante o fato consumado, porque

o povo nunca amara a Monarquia, que a bonomia burguesa e excessivamente democrático do Príncipe, mais filósofo do que homem de Estado, nunca soubera cercar do prestígio de que deriva a força e dos esplendores que entretêm a adoração infantil dos governados.

A Monarquia, com a velhice prematura do soberano, havia entrado em um período de decrepitude fatal, porque está morta inevitavelmente a instituição dependente da vida de um homem.

Ora é geralmente sabido que, no Brasil, conservadores ou liberais, como a maioria dos republicanos, não concediam à Monarquia uma duração além da vida do soberano.

Eis aqui, portanto, a única causa da passividade do povo brasileiro no dia 15 de novembro de 1889 ou por outra a razão positiva do seu assentimento tácito.

Mas fenômeno estranho e inexplicável até certo ponto perante as leis sociológicas!

A República que se proclamou sem resistências, ainda não se acha consolidada, e se não for sustentada por mãos corajosas e dedicadas, não está, por vergonha de nossos brios, livre do naufrágio de uma restauração.

O fato não é impossível.

Com menos razão, os ingleses, tão zelosos de sua liberdade, restauraram na pessoa de Carlos II, o trono de Carlos I, decapitado por ordem de Cromwell, o *Lord Protector*.

E a Inglaterra não podia ter saudades dos tempos de Carlos, que foi um tirano, como seu filho foi também um déspota e devasso.

A França não tinha razão para se lembrar com saudades dos Bourbons e dos Orleans, e chamou-se do

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

exílio, para virem governar em substituição da República e duas vezes permitiu que esta fosse abolida pela ambição dos bonapartes.

Os portugueses não têm razão para ter saudades do despotismo feroz de D. Miguel, e ainda por lá se agita a ameaça às instituições, o espectro sinistro do legitimismo.

Os exemplos são inúmeros, para que não aceitemos a possibilidade de uma restauração.

A restauração será, porém, impossível se o patriotismo, o critério e a dignidade da nação se manifestarem dignamente, provando que não houve covardia no procedimento de 15 de novembro de 1889.

São esses os intuitos que hoje devem animar todos os que desejam a felicidade e a grandeza da pátria, todos que não desejam ver a família brasileira dilacerada por uma luta fratricida.

Formular com sinceridade esses votos, acariciá-los no íntimo do coração, concitar a nação a compenetrar-se daquele dever, invocar o patriotismo das facções políticas que até hoje têm cavado o descrédito das instituições, compelindo-as a amparar a República, a cercá-la de toda a dedicação, são as únicas saudações com que nos é ainda dado solenizar a data gloriosa de amanhã.

É assim como compreendemos a atitude que deve manter todo o cidadão patriota e não são outros os hinos que entoamos no recesso de nossa consciência.»

Diante da crise bélica e revolucionária de 1893, o diário rio-grandino optou apenas por registrar, na véspera do 15 de Novembro, que “faz amanhã quatro

anos que no Rio de Janeiro foi proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil”²⁸. Já em 1894, a folha exaltava a data alusiva, sem deixar de apontar os males que cercavam o país, os quais seriam advindos de “paixões partidárias” e “ambições pessoais”. Com a continuidade da guerra, o *Artista* renovava a perspectiva de que não se filiava a qualquer tipo de partidarismo e desejava a inauguração de uma época de paz.

15 de Novembro²⁹

«Quando em 15 de novembro de 1889, ao arvorar-se nas terras de Santa Cruz o pendão da liberdade, aceitávamos, de bom grado, a nova forma governativa que de futuro tinha de reger os negócios da nação, longe estávamos de imaginar as tempestades políticas que haviam de desencadear-se e tivemos a ingenuidade de querer enxergar um horizonte límpido e sem nuvens.

Infelizmente os fatos vieram demonstrar o contrário e, se não temos retrogrado, o nosso desenvolvimento material não tem correspondido ao muito que havia a esperar do nosso sistema que tinha como ponto de mira a liberdade bem entendida.

Paixões partidárias e, não poucas vezes, ambições pessoais, têm criado dificuldades à marcha governativa do país, acirrando ódios até ao extremo, dando evidentes provas de alimentarmos paixões mesquinhas e retardando a marcha que começamos para conquistar um lugar entre os povos civilizados.

²⁸ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1893, p. 2.

²⁹ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1894, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

As lutas intestinas são o mais poderoso elemento da decadência de um povo.

E quanto possam ser admissíveis na velha Europa, entre um país nascente que luta com a falta de braços para o seu desenvolvimento material, fonte da verdadeira riqueza e completa posteridade, não há razão alguma que venha autorizar o espetáculo que ultimamente temos patenteado às vistas do mundo civilizado.

Republicanos intransigentes almejamos unicamente pela verdadeira paz. Desejamos os poderes dirigentes dos negócios da nação completamente livres de entraves políticos e ambições partidárias a fim de que possam cuidar, como devem, do futuro alimentando a exploração das nossas fontes de receita, base incontestável da verdadeira prosperidade.

A iniciativa particular, a quem se deve o pouco que possuímos, é impotente para atingir a idade de ouro a não ser auxiliada pelo poder governativo da nação e a este, verdade dolorosa, mas incontestável, pouco devemos.

Bom será que seriamente pensemos nos erros passados, inaugurando uma época de paz e prosperidade.

Cerremos os ouvidos às vaias dos díscolos e procuremos emanciparmo-nos da tutela de míseros exploradores que mercadejam com o nosso crédito, tirando vantajoso partido das nossas poucas regulares administrações.

Sem nos alimentar o mais pequeno vislumbre de paixão partidária, fazemos os mais ardentes e sinceros

votos para que seja inaugurada uma época de verdadeira paz.»

A paz almejada pelo *Artista* no ano posterior, viria em 1895, quando publicou o editorial alusivo ao 15 de Novembro, no qual expressava que a chegada da República teria significado a complementação de um caminho inexorável até então realizado pelo Brasil. De acordo com o contexto da época, o jornal apontou as guerras civis como um dos grandes malefícios das sociedades contemporâneas, demarcando o efeito das mesmas no país, vindo a conclamar todos os brasileiros a vencerem os antagonismos políticos e promoverem a união.

15 de Novembro³⁰

«O 15 de Novembro, ou antes, esse feito brilhante que baniu deste opulento solo meridional o trono bragantino, foi o início de uma nova evolução político-social que levantou uma raça desse esmorecimento psíquico, apontando-lhe novo caminho a seguir na estrada da civilização e do progresso moral e intelectual.

A República não foi o resultado de uma luta sangrenta como há exemplo na história dos países democráticos, mas a consequência legítima dos fenômenos sociológicos.

Às instituições gastas e carcomidas havia chegada a última hora: o trono bragantino transportado

³⁰ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1895, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

para este solo não podia por mais tempo resistir no Brasil, nesta terra opulenta, talhada para os mais arrojados cometimentos de progresso, pela altivez de seus filhos, cujos exemplos de civismo e abnegação tanto os caracterizam.

Infelizmente as lutas fratricidas, ou antes, esses terríveis fenômenos sociais que neste fim de século se observam em quase todos os países, têm dificultado o desenvolvimento desta nação, criando-lhe sérios embaraços, o que tem dado lugar a essas potências ambiciosas da Europa explorarem o nosso crédito.

Torna-se necessário que todos os brasileiros, que desejam o engrandecimento material e moral desta grande pátria, esqueçam essas paixões más, alimentadas por um falso raciocínio e lembrem-se que há muito que fazer e muito que trabalhar para a definitiva consolidação da República, o único governo que pode fazer a felicidade deste povo.

Que cada cidadão seja um Graco e que pregue, não a guerra que enfraquece as nações e arruína os povos, mas o amor pela pátria, essa entidade sacrossanta que deve constituir o único ideal e o único pensamento de todo bom brasileiro.

Trabalhar pelo seu desenvolvimento é honrar a memória de Benjamin Constant, glorificando o nome brasileiro.

O *Artista* rejubila-se com o dia de amanhã, e faz votos pela prosperidade e engrandecimento da República.»

O tom ufanista permaneceu no artigo comemorativo de novembro de 1896, com ênfase ao

caráter pacífico que teria marcado a implantação republicana no Brasil. Voltava a demarcar as crises que vinham atingindo o país, mas declarava ter amplas esperanças no futuro, conclamando todos à união e ao patriotismo.

15 de Novembro³¹

«Faz amanhã 7 anos que no Brasil foi proclamada a República, nova forma de governo que veio mudar a marcha dos negócios políticos deste vasto país meridional e iniciar uma nova fase de civilização.

A República não foi um feito sangrento como há lembrança na história de outras nações: nas praças públicas do Rio de Janeiro, em vez de sangue generoso de irmãos – hinos e flores, aderindo todas as províncias, sem que uma gota de sangue fosse derramada.

É que às instituições monárquicas havia chegado o último momento.

O 15 de Novembro veio demonstrar exuberantemente que neste opulento país a forma republicana mais se coaduna com o caráter da raça americana do que com todos os atrativos do bragantismo, planta exótica que já deu o que tinha a dar.

É verdade que a República há passado por crises que tem preocupado seriamente a sociedade brasileira, dando lugar a que a ambição estrangeira explore o nosso crédito.

Essas dificuldades, porém, podem desaparecer desde que o patriotismo dos brasileiros seja sempre em

³¹ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1896, p. 2.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

todas as épocas e em todos os tempos essa luz bendita que guia os povos pelo caminho da civilização.

A República é hoje um fato histórico: quererem substituí-la por outra forma de governo seria uma calamidade.

Que todos os brasileiros se unam para trabalhar pelo progresso desta grande pátria! Que todos saibam amá-la como verdadeiros filhos!

O *Artista* faz sinceros votos pelo seu engrandecimento e roga à providência que ilumine aqueles que a dirigem, para que ainda possamos ser o primeiro povo das duas Américas.»

Referindo-se ao 15 de Novembro como uma “Data gloriosa” e “dia memorável”, ainda que errasse quanto ao número de anos de existência da República, em 1897, o periódico expressava júbilo pela passagem da efeméride. Apontava que os problemas enfrentados pelo país não advinham da forma de governo e sim da ambição de seus deturpadores. O protagonismo do artigo coube ao Presidente Prudente de Moraes, elogiado pela sua administração, a qual teria sido prejudicada pelo movimento do Contestado e pela recente tentativa de assassinato que sofrera, sem que, por isso, perdesse o propalado brilho e o entusiasmo de parte da folha diária rio-grandina.

Data gloriosa³²

«Faz depois de amanhã nove anos que foi proclamada a República neste grandioso país das palmeiras.

Nesse dia memorável para todos os bons patriotas, o inolvidável marechal Manoel Deodoro da Fonseca, à frente do Exército e coadjuvado pela Armada, em nome da nação, implantou no Brasil o regime republicano.

Se nesse período de nove anos a República não tem sido o que era de esperar, a culpa não é da forma de governo, mas da ambição desmedida daqueles que a tem deturpado.

Não se pode dizer que depois da proclamação da República o país não tenha progredido, pois aí está a atestar o desenvolvimento de todos os Estados e de todos os ramos da atividade humana.

As revoluções consorciadas com o impatriotismo dos que tinham estrita obrigação de zelar pelos interesses da República, é que fizeram com que chegássemos ao estado em que chegamos.

Porém, não há desanimar.

Presentemente está governando o país um benemérito da estatura moral do Dr. Prudente de Moraes, republicano sem jaça, caráter de fina têmpera e imaculado.

O notável estadista tomou conta da governança do Brasil, numa situação assaz melindrosa, teve que superar barreiras impossíveis, viu-se cercado de inimigos, lutou como um desesperado para melhorar as

³² ARTISTA. Rio Grande, 13 nov. 1897, p. 2.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

finanças do Brasil, mas os seus esforços foram impotentes em vista da revolução nos sertões da Bahia, das traições dos mal agradecidos e finalmente do horroroso atentado de que ia sendo vítima no dia 5 do corrente.

Ainda assim, com todas essas dificuldades, o venerando chefe da nação tudo fez, tudo tem feito em prol desta República que tanto amamos.

O Quinze de Novembro relembra a proclamação da República no Brasil e, regozijando-nos por esse fato não podemos como bons republicanos deixar de levantar vivas à pátria brasileira e à República.»

No ano de 1898, o *Artista* se referia à data celebrada ao trazer a lembrança daqueles que considerou como “fundadores” da República, referindo-se mais especificamente a Benjamin Constant e a Deodoro da Fonseca. Lamentava que a forma de governo tivesse passado pelas provações das “lutas intestinas”, mas saudava uma nova etapa de estabilidade. As principais homenagens destinaram-se a Presidente Prudente de Moraes, cujo mandato se encerrava e era considerado como o inaugurador de uma nova etapa na existência republicana brasileira.

Foi o primeiro!³³

«A pátria republicana dobra amanhã mais uma página da sua história, que é ontem apenas, porém que encerra um sem número de ensinamentos que não

³³ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1898, p. 1.

devem ser desprezados pela geração atual, a qual vai caber uma certa soma de responsabilidades nas aplicações do seu concurso em torno dos que governam.

Não vem de molde, quando recordamos data tão gloriosa, entrar na crítica dos sucessos que mais se estreitam ao advento da República, sujeitando a exame os grandes homens que mais se salientaram, mas, cedendo às impulsões da consciência, que é o guia do dever, assinalamos para o lugar de honra, entre os fundadores das novas instituições, a poderosa individualidade de Benjamin Constant, a cabeça pensante da notável reconstrução de 89 e que teve como braço indomável o inesquecível Deodoro da Fonseca.

Teve agruras e teve oscilações a República de então para cá, teve desilusões e teve martírios, mas, depois do período das mais tremendas lutas intestinas, conseguiu impor-se pela vontade nacional.

Agora, há quatro anos, ela vive aureolada pelas fulgurações da glória, e vai conquistando simpatias o largo peito do herói da paz, o verdadeiro patriarca da idade contemporânea, o grande cidadão Prudente José de Moraes Barros.

Ele deixa amanhã a ampla investidura das mais altas funções da República, desprende-se das enormes responsabilidades de um posto que tanto soube dignificar, e recolhe-se, como o imortal Washington, à vida serena do lar, onde sempre hauriu forças para a conduta da sua vida pública exemplaríssima.

Quando a História – desbravada para a passagem da crítica austera – falar da terceira fase da República, comparando-a e julgando-a, dirá com desassombro que Prudente de Moraes foi o PRIMEIRO HOMEM DA REPÚBLICA, pois foi ele quem a consolidou!

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Honra ao grande patriota!...»

Em 1899, por ocasião da primeira década republicana, o processo de construção histórica brasileira foi comparado pelo periódico rio-grandino à faina de um escultor, em paralelo no qual o talhar a pedra equivaleria às várias etapas que correspondiam à formação nacional. Considerava que a Monarquia se tratara apenas de uma continuidade dos tempos coloniais, de modo a constatar que o verdadeiro surgimento da nação brasileira dera-se apenas depois da instalação da forma de governo que se comemorava naquela oportunidade.

15 de Novembro³⁴

«Tratando das instituições sociais e mostrando quão quiméricas seriam as veleidades reacionárias no atual estado da civilização, Oliveira Martins serve-se admiravelmente desta comparação feliz:

“Os povos são como o mármore na mão do estatuário; o tempo é um escopro que a golpes sucessivos vai extraindo da pedra bruta as formas de uma imagem; a estátua nasce, desentranhando-se, como as ideias puras surgem desengastadas da ganga dos mitos e dos símbolos pelo buril da abstração.

A forma estava escondida na penha; desbastada a pedra, apareceu.

Ora ninguém é capaz de suspender os golpes do buril desse escultor infatigável – o tempo; ninguém é

³⁴ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1899, p. 1.

capaz de paralisar a energia desse operário infatigável – a razão humana.

Cinzelando e abstraindo, definindo e formulando, o pensamento e os anos, de mãos dadas, como escopro e martelo, vão prosseguindo a sua tarefa... Escultores da nossa própria estátua, vamos dia a dia arrojando para longe de nós as lascas do mármore trabalhado, e, seguindo o velho preceito da sabedoria grega, ‘conhecemo-nos a nós mesmos’, despidos das faixas infantis do nosso pensamento.”

Esta alegoria fina e delicada, que só tem rival em Antônio Vieira, enquadra perfeitamente o desenvolvimento histórico nacional.

A estátua ei-la de pé, ereta e altiva, dominadora e simbólica, sobre o pedestal das instituições derrocadas, é a República, escultor, o tempo animado pela centelha genial da inteligência, sob a sugestão artística de um meio físico incomparável e de um meio social avançadíssimo nos estádios da civilização; mármore a índole, o temperamento, a raça; as aspirações nacionais que se foram cristalizando nas instituições políticas atuais – a forma que se ia desentranhando e definindo a cada golpe de buril, a cada lasca arrojada dos restos da escravidão e do despotismo colonial, a cada traço vigoroso e saliente, a cada feição alisada, a cada membro contornado em cujo músculo palpita o sangue estuante da liberdade.

De fato, quem medita a história nacional vê desde o início de nossa vida consciente essa manifestação latente de patriotismo, independência e liberdade, definir-se progressivamente. Nenhum povo apresenta na sua história uma evolução tão perfeita e progressiva.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

A consciência do nosso destino aparece primeiro no regime colonial pelo amor da terra pátria. Só assim se explica como os nossos dominadores conseguiram resistir às invasões estrangeiras. É Pernambuco o seu berço, quando numa conjuração contra o domínio holandês, os conjurados protestam “ao serviço da liberdade, não faltar a todo o tempo, com toda ajuda de fazenda e pessoa em restauração da pátria”, não obstante a metrópole querer abandonar aos conquistadores aquele pedaço da pátria.

É mais tarde em Minas a erupção revolucionária que inscreve na sua bandeira o lema patriótico: *libertas quae sera tamen*, onde o espírito democrático das aspirações de nacionalidade independente e livre, se acentua, sedimenta e define na consciência nacional, sob a forma que devia revestir definitivamente em 15 de novembro – a República.

São essas as nossas verdadeiras tradições, essa a aspiração vivaz, expressiva e positiva, que se esboçou desde seus pródromos, espalmou, cresceu, frutificou nas aspirações, nas tendências, em todas as manifestações de energia da alma popular brasileira.

A Monarquia foi um sonho, ou por outra, um prolongamento disfarçado do regime colonial.

Um escravizava-nos a outro povo; a outra escravizava-nos a uma dinastia estrangeira; ambos espoliaram-nos, exploraram-nos ambos em seu benefício exclusivo.

A nossa verdadeira emancipação social e política começou no dia em que, “arrojando para longe as últimas lascas do mármore talhado”, extraímos do bloco a imagem perfeita, limpa e depurada – a estátua colossal da pátria, sob o símbolo grandioso da República, quando

isentos de tutelas, “despidos das faixas infantis dos nossos pensamentos”, tivemos consciência nítida das nossas forças e energias, “conhecemo-nos a nós mesmos”, sentimo-nos senhores e guias independentes do nosso destino.

Foi no dia 15 de novembro, foi na proclamação da República, a forma última da cristalização das aspirações nacionais.

É, pois, jubilosos e confiantes na seiva latente das nossas forças, no vigor do nosso povo, e no brilhante futuro que se desdobra à nossa nacionalidade, apesar dos erros acumulados num regime que por muito tempo nos comprimiu e impossibilitou a força expansiva, é, pois, jubilosos e confiantes, repetimos, que saudamos a grande data nacional que comemora a realização do sonho acariciado de tantos mártires, as aspirações de todos os genuínos brasileiros através das mais agudas crises políticas, das mais renhidas lutas pela liberdade.»

No novembro que correspondia ao derradeiro ano dos Oitocentos, o *Artista* publicou editorial cuja toada fundamental era a do enaltecimento ao regime implantado em 1889. A folha chegava a reconhecer limitações na forma de governo, mas argumentava que tais males não seriam diretamente vinculados a ela e sim advindos da ação de “inimigos” e dos “erros herdados” da época monárquica. Nesse sentido, garantia que a “história” saberia bem julgar os caminhos de progresso que o Brasil teria passado a trilhar a partir da República.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

1889-1900³⁵

«No calendário republicano conta-se de amanhã em diante mais um ano de lutas em prol das liberdades públicas e sociais – a República completa o seu 11º aniversário.

Quem revistar a história destes onze anos, se não for um apaixonado e ferrenho monarquista, há de confessar que muito, demasiado mesmo, se tem feito em benefício do nosso alevantamento moral e sociológico.

Podem dizer que convulsões não vistas no antigo regime têm afligido o país e que outros acontecimentos importantes depõem contra a calma preconizada da República, mas não a esta e sim aos seus inimigos se deve responsabilizar dos males sofridos, visto quererem colocar acima da pátria as instituições, acima do dever o interesse pessoal.

Apesar de tudo, lutando com a ignorância do povo e contra os adversários pouco cavalheiros, a República tem sabido aproveitar todos os meios para dar ao povo os frutos magníficos da liberdade e do progresso.

A vida dos povos como a dos indivíduos, obedece a leis biológicas imutáveis, e seria desejar o impossível querer que o país sofresse uma transformação tão radical, sem os abalos naturais à nova ordem de funções orgânicas a que foi obrigado o país após a ruína do antigo regime.

Não fossem, entretanto, tão grandes os erros herdados pela República e poucos países com uma tão complexa organização como o nosso, poderiam gloriar-

³⁵ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1900, p. 1.

se de em tão curto prazo terem produzido tão grande obra.

Podem orgulhar-se os republicanos da sua, porque ela tem sido fecundada em benefícios e será bendita pelas gerações futuras.

No momento atual, as paixões, os interesses, a agitação dos ânimos, não permite julgar com justiça; mas a história saberá ser severa e fiel, apurando a verdade e tecendo os louvores a quem os merecer.

Continuem os grandes patriotas a dedicar-se com carinho à tarefa ingente que se propuseram; saibam com extremo cuidado remover os escolhos que se lhes deparam; expurguem a pátria e os próprios partidos dos maus elementos que só males lhes arrastam, e não muito longe vem o momento de indefinível prazer em que do Amazonas ao Chui se levante um brado uníssono de vozes irmãs, bendizendo a República e o dia 15 de Novembro.

O *Artista* saúda com efusão de alma a pátria republicana e faz votos pela sua felicidade que é a de todos os brasileiros.

Glória aos proclamadores da República!»

No primeiro aniversário republicano do século XX, o *Artista* optou por uma manifestação menos exortativa, escolhendo um olhar mais crítico para abordar os rumos do regime republicano. Coincidindo com a etapa de indefinição editorial do periódico, durante a qual sua construção discursiva passou por diversas variações, houve uma certa censura para com o modelo pelo qual vinha se afirmando a forma de governo. Nessa linha, o jornal buscava demarcar que

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

aquela que vigia não corresponderia à perspectiva da República almejada pelos seus propugnadores e fundadores.

A República – 12^o aniversário³⁶

«Já lá vão doze anos que, na capital brasileira, ecoaram-se as vozes patrióticas dos gloriosos filhos desta grande pátria, proclamando a mudança das instituições; já lá vão doze longos anos da aprendizagem republicana, e, com pesar o dizemos, ainda não conseguimos estabelecer a República.

Corações extremamente votados ao amor da pátria; almas cheias de fé nos ideais de liberdade porque se batiam dedicada e fervorosamente; pensavam os fundadores do regime atual, que todos os peitos sentiriam o mesmo entusiasmo fogo patriótico que lhes queimava os seus, e que como eles todos os brasileiros norteariam para a felicidade comum da grande família.

Fatal engano! A pira sagrada que carbonizava seus corações, apenas mostrou à claridade de suas chamas ardentes, os pórticos do templo por onde poderiam penetrar os falsos apóstolos, para violarem a ara santa onde os venerandos sacerdotes da República haviam depositado as relíquias sacrossantas da sua religião – a liberdade.

Embalde têm lutado os crentes por salvaguardem a pureza das instituições; vencidos pelo número dos traidores, embora apregoando-se fieis, eles, os depositários da verdadeira doutrina republicana, sentem-se sufocados pela indignação, mas, ainda assim,

³⁶ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1901, p. 1.

apelam para os sentimentos de pudor que ainda possam restar nos coveiros do ideal, para que suspendam enquanto é tempo, que não sacrifiquem a pátria às suas ambições, ou ao seu descomunal egoísmo.

Conseguirão ser ouvidos?

Haverá ainda sob esses escombros da dignidade política, alguma centelha de patriotismo que os verdadeiros republicanos possam acender, fazendo com que o facho da liberdade venha iluminar a reconstrução, ou só resta a esperança da ruína completa, do extermínio dos inimigos da República, para se recomeçar de novo?

Eis ao que é difícil, senão perigoso responder.

Nós, os crentes sinceros, ainda alimentamos a esperança de regeneração, já porque não cremos na obsecração dos caracteres, já porque confiamos no heroísmo dos herdeiros dos gloriosos proclamadores da República.

Espíritos dotados de todas as virtudes cívicas, corações votados à realização do seu ideal; os sinceros e verdadeiros republicanos hão de remover todos óbices, os hão de firmar em sólidas bases o santuário de suas crenças – a República – porque a verdade, a razão e a justiça triunfam sempre, mau grado as dolorosas angústias porque estamos passando todos.

Não desaminar, porque ao tempo suceder o tempo e o dia da vitória não está longe.

A criação de Benjamin Constant, Silva Jardim e outros há de saber impor-se ao respeito dos ignaros, maus e traidores, fazendo assim bendita a data de 15 de novembro de 1889.

Honra aos fundadores da República.»

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Revelando mais uma vez suas tantas fases de falta de maior definição editorial, em 1902, o *Artista* voltava à perspectiva ufanista. Nesse quadro, reconhecia a existência de olhares pessimistas para com os destinos da nação, sem deixar de apontar que havia esperanças no futuro. Para tanto, o periódico diagnosticava que a principal estratégia para o progresso nacional se daria por meio da vitória das tendências que preferiam valorizar o patriotismo.

Quinze de Novembro³⁷

«Por sobre a pátria republicana passa amanhã mais um aniversário.

Este fato devia ser motivo para estrondosas alegrias, porque recorda uma das mais brilhantes páginas da história brasileira e um dos mais belos e extraordinários feitos dos povos americanos; mas, assim não acontece e, bem ao contrário da satisfação geral, há imensidade de corações que se confrangem na dolorosa apreensão de um futuro duvidoso e que tremem pelos destinos da pátria, porque, dizem eles, ao fazerem evocação do passado próximo, confrontando e balanceando o acervo monárquico com o republicano, acham, em caracteres, um colossal déficit contra este.

Sejamos, porém, coerentes e lógicos, senhores pessimistas; operem a catarata patriótica, e se quiserem ver, reconhecerão como nós, que, através de todos os males provenientes de governos ambiciosos e intolerâncias políticas, o Brasil de 1902 vale, moral e materialmente, muito mais do que o de 1888.

³⁷ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1902, p. 1.

É preciso que o julgamento se faça sem isenção de ânimo, com verdadeira imparcialidade. As ideias preconcebidas com a viciada educação, tornam os juízes incompatíveis com a perfeita justiça; e aqueles que só vêm desabono para a atualidade, ou são cegos ou espíritos rebeldes ao progresso. É melhor deixá-los.

Todas as fases da história que melhores benefícios trouxeram à humanidade produziram comoções mais ou menos dolorosas no meio dos povos, especialmente daqueles onde se originaram; e isto é naturalíssimo, porque estes fatos ferem sempre interesses e paixões que criaram ódios e estes se transformam em obstáculos ao livre desenvolvimento dos princípios filosóficos ou políticos que os inspiram.

Foi o que se deu com a proclamação da República no Brasil e os seus detratores atuais, ou são indivíduos prejudicados materialmente pela mudança das instituições ou ambiciosos a quem ainda não permitiram o acesso a algum lugar rendoso.

Poucos, muito poucos, são os sinceros adversários da República, e isto, para honra dos nossos foros de povo civilizado e progressistas; pois não pode coadunar-se o espírito exclusivista e cheio de privilégios dos monarquistas, com a liberdade e igualdade a que aspiram os republicanos.

Nós que amamos a liberdade e não nos deixamos cegar por credos políticos, somos entretanto defensores conscientes da República, porque vemos nela campo para todas as grandiosas concepções e consequentemente garantia de um futuro grandiloquo para a nossa querida pátria.

O patriotismo é uma das grandes virtudes dos nossos patrícios, e se até o presente não tivemos a

O 15 DE NOVOBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

felicidade de ver a República expurgada dos díscolos e entregue nas mãos de cidadãos que ponham a ventura da pátria acima de tudo, é porque a mudança das instituições abalou terrivelmente o organismo brasileiro e ainda não chegou o movimento da cura que porá termo à situação anormal porque passa.

Confiamos, entretanto, no dia de amanhã e cheios de esperança saudamos a data de 15 de Novembro, que abriu novos e grandiosos horizontes à nossa adorada pátria.

Glória aos imortais proclamadores da República Brasileira!»

Na edição de novembro de 1903 que se referia ao 15 de Novembro, o diário rio-grandino destacava o republicanismo como marca registrada do continente americano, de modo que o ano de 1889 correspondera à colocação do Brasil na condição considerada como de normalidade em relação ao conjunto da América. A folha voltava a apontar para alguns dos descaminhos republicanos, chegando a demarcar a necessidade da realização de uma reforma constitucional, que servisse para recolocar o país nos seus devidos trilhos. A partir de tal olhar crítico, o jornal considerava que um passo fundamental em direção à república almejada por seus idealizadores seria a extinção dos regionalismos partidários e do predomínio das “oligarquias estaduais”.

15 de Novembro³⁸

«Chega o grande dia da pátria, o dia que relembra o revolucionário movimento espiritual de 15 de novembro de 89 e que teve apoio na força armada deste novo país americano, que não podia tolerar por mais tempo a exceção odiosa de um único trono em toda a vasta extensão do novo continente colombiano.

Ainda é muito curto o período que vem do estabelecimento da República.

Exigir, portanto, que esta já esteja a impor-se como uma forma de governo definitiva, sem a menor perturbação de ordem social, é sonhar com o impossível.

Obra de homens, não pode ser perfeita, tem de obedecer a lei fatal e insubstituível da relatividade.

Foi erradamente feita? Não.

Os que pensaram na constituição do regime existente, os bem orientados, compreenderam que “o presidencialismo é uma teoria política, ideada sobre uma fase do sistema representativo parlamentar”.

Da confusão de ideias, do embate de opiniões, da heterogeneidade de pensamentos entre os constituintes que vinham da doutrina orgânica, os que surdiram no momento e os que representavam o passado, nasceram certas incongruências, que foram codificadas na lei básica, na Constituição de 24 de Fevereiro.

Ficou, entretanto, afirmada, e de um modo positivo, a essência das instituições necessárias ao desenvolvimento da civilização brasileira.

³⁸ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1903, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Escritor contemporâneo da maior lucidez mental, pondo em confronto os dois sistemas de governar, o monárquico e o republicano, diz clarivamente:

“Em política, o alvo comum de todas as nações é a liberdade, que emerge lentamente, aos poucos, de lutas dolorosas e terríveis, cruentas ou incruentas, cada vez mais completa e perfeita. A forma serve apenas para assegurar a continuidade histórica, condição indispensável da segurança e fixidez de todo o progresso.

A República no continente americano não é uma superstição, uma força magnética de atração, uma qualidade ligada ao solo de Colombo.

Se assim fosse, se ela estivesse ligada às selvas que nos cercam, ao céu que nos cobre, ao sol que nos ilumina, ao ar que respiramos, ao alimento que ingerimos, as duas civilizações, puramente americanas, que medraram no México e no Peru, teriam, com maioria de razão, cedido à força dessa superstição, à lei dessa atração; mas a verdade é que estas se desenvolveram sob a influência da mais ferrenha teocracia. E se a Espanha não houvesse despedido sobre elas o raio fulminante da sua ambição, a América ainda hoje teria em seu seio duas teocracias indestrutíveis.

Não é também um produto inconsciente do acaso. O acaso é uma variante sobrenatural, e nenhum fenômeno pode ser isolado, por conta de um poder imaginário, da monstruosa cadeia das causas e efeitos.

A razão da forma republicana na América está no próprio fato do seu desenvolvimento político, que, partindo, como o de todas as civilizações passadas, do irregular para o regular, se opera, todavia, mais rapidamente que o das precedentes.

É que a circunstância de entrar na fusão das raças, de onde emergiu esse grupo de sociedades, um elemento mais civilizado que aqueles que entraram no caldeamento, de onde saíram as anteriores, e o fato de desaparecerem elas na história, quando a humanidade já tinha atingido um alto grau de cultura, facilitaram-lhe o desenvolvimento político, através do caminho fatal que todos os povos percorrem, indo da prepotência à liberdade.

As sociedades americanas vão fazendo esse percurso em um período de tempo infinitamente pequeno relativamente ao que Roma gastou para ir da comunhão mantida pela força, no interesse da pilhagem, à sua organização jurídica, ao que a Europa consumiu para ir do absolutismo à constituição.

É assim que os elos da evolução política greco-romana podem ser contados por décadas de séculos, os da europeia por séculos, ao passo que os da América se contam por decênios."

Quem lê meditadamente juízo de tanto alcance filosófico, externado competentemente e à luz dos fatos que se concatenaram para a evolução histórica, compreende que a República é um produto legítimo do progresso ocidental.

É preciso, porém, adaptá-la à vida nacional, corrigindo defeitos graves de organização.

Decorre daí a necessidade imperiosa de reformar a carta fundamental, para expurgá-la de tudo quanto a incompatibiliza com o sentir e o pensar do povo brasileiro.

O que cumpre fazer, e quanto antes, é matar as oligarquias estaduais.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

E isso só se pode efetuar com a revisão constitucional – respeitados os princípios da forma que brotou do patriótico movimento espiritual de 15 de novembro de 89 e que teve apoio na forma armada deste novo país americano.»

No décimo quinto aniversário da República, ao invés do editorial, o *Artista* optou por uma matéria mais curta, publicada na segunda página, revelando uma menor ênfase para com a efeméride. No breve texto fez referência aos fatores que teriam levado à queda da Monarquia. Em seguida, passava ao enaltecimento da data cívica, mais uma vez conclamando a unidade dos brasileiros em prol da consolidação do regime.

A data da República³⁹

«Passa amanhã mais um aniversário da implantação da República Federativa no nosso gigantesco Brasil.

A espada de Deodoro fez refulgir na manhã de 15 de novembro de 1889 a ideia democrática como lei dirigente do maior povo do vasto continente americano.

O Exército e a Armada executaram a obra de 15 de Novembro, em nome do povo, que de há muito se manifesta pela forma republicana, como a única comparável com suas tendências, com os seus anelos de liberdade e grandeza.

Tivéssemos deixado morrer no seio da pátria estremecida o velho patriota D. Pedro de Alcântara, e

³⁹ ARTISTA. Rio Grande, 14 nov. 1904, p. 2.

hoje se poderia afirmar, sem temer contestação, que a República estava enraizada no coração de todos os brasileiros.

Circunstâncias excepcionais, no entretanto, não permitiram que o ilustrado Imperador tivesse essa respeitável consolação.

Hoje que a República Brasileira completa o seu décimo quinto ano de existência, façamos um apelo aos republicanos e aos brasileiros em geral, a fim de que, unidos, trabalhem pela consolidação da instituição vigente, única competente para fazer a grandeza do Brasil, elevando-o a inscrever-se no venerando mapa das grandes potências mundiais.

Salve, pois, a gratíssima data de 15 de Novembro.»

Eco do Sul

Um dos mais longevos periódicos que circulou na cidade do Rio Grande foi o *Eco do Sul*, o qual surgiu na localidade de Jaguarão, mas passou a ser editado na urbe portuária a partir de 1858, perdurando até 1934. Desde as suas origens o *Eco* teve uma clara identidade com os conservadores, chegando a apresentar-se em uma de suas fases na condição de órgão partidário. Com a República, o periódico inicialmente apoiou a nova forma e seus governantes, mas, em seguida, discordou do caráter autoritário do regime, notadamente no âmbito estadual, passando a alinhar-se aos dissidentes republicanos gaúchos. Com o espocar da guerra civil, aderiu ao movimento revolucionário e se tornou um dos mais fiéis defensores do Partido Federalista. Nessa linha, colocou-se não só como um opositor, mas também atuou na resistência ao modelo castilhistaborgista. Tal postura custaria caro à publicação rio-grandina, que sofreu pesada perseguição, chegando a ter a sua edição suspensa por diversas vezes, a partir da repressão governamental, como foi o caso do período entre abril de 1894 e setembro de 1895.

Foi de acordo com tal pensamento que o *Eco do Sul* manteve por diversos anos acesa a flama da discussão político-partidária, sustentando o conflito discursivo entre federalistas e castilhistas, demonstrando a continuidade do embate partidário e ideológico no

período pós-revolucionário. Em 1896, o jornal propunha uma “guerra à ditadura” e, para isso, conclamava a oposição para que, “visando ao bem comum, se erguesse em plena atividade, a disputar, no campo eleitoral e pelos outros meios legalmente permitidos, a verdade do sistema republicano”, o qual vivia “deprimido pelos detentores do poder”. Estabelecia, assim, como objetivo primordial, o combate à Constituição Rio-Grandense, que estaria “condenada e jamais alcançaria a sanção popular”, que viria a constituir a “obra do comitismo sufocante”, a “completa negação do governo do povo pelo povo” e o “castelo da mais ferrenha tirania”, cujos “estatutos básicos” deveriam ser reformados.

Ainda em 1896, a folha defendia a reorganização dos oposicionistas para participarem do jogo eleitoral, como forma de evitar que os “partidários da ditadura estadual” conseguissem perpetuar-se no poder. Prevvia que os governistas não poderiam atingir “seus intentos, diante da maioria do Estado, convencida de que os direitos populares” estavam “sendo despoticamente suprimidos pelo autocrata que infelizmente governava” os gaúchos. Para o diário, somente uma oposição forte teria condições de transformar o sistema castilhistista, através de uma reforma constitucional, evitando a continuidade daquela estrutura que dava “ao Presidente poderes discricionários”, tornando-o “senhor absoluto, em vez de primeiro magistrado, que fechava as válvulas à vontade social e que reconhecia somente uma vontade, a do mesmo Presidente”, de modo que, somente assim, seriam respeitadas as “tradições e costumes”, bem como as “aspirações e os sentimentos liberais do povo rio-grandense”.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

O jornal atacava a estrutura eleitoral montada por Júlio de Castilhos e os obstáculos que a mesma criava à eleição de candidatos oposicionistas. Desse modo, ainda em 1896, denunciava que o Presidente do Estado não tinha “sentimentos democráticos”, não admitia “instituições livres e, por mais que a sua imprensa se esforçasse em apresentá-lo como o tipo sincero de republicano”, não haveria “nele senão a encarnação do despotismo”. Segundo a folha, “o código básico do Estado era a expressão mais fiel da tirania com que vinha sendo governado o povo rio-grandense”, através da qual foram suprimidas “todas as válvulas pelas quais as massas populares respiravam as emanções da liberdade”; de modo que “o povo não tinha autonomia”, e não poderia “realizar os seus desejos em face da magna lei estadual, que fechava todos os poderes nas mãos do Presidente, potência única no Estado”. Afirmava ainda que o “ditador do Rio Grande” pretendia “impedir que a oposição se fizesse representar” nas instituições do poder, contando para isso, “com as fraudes de costume e com a falta de escrúpulos de seus maleáveis instrumentos”, levando a que os rio-grandenses não tivessem representantes que denunciassem “as ilegalidades e os crimes desta imoral situação”.

Nessa linha, em 1897, o *Eco* argumentava que “um partido verdadeiramente prestigiado” não deveria apoiar-se nos “elementos oficiais”, e sim, tirar “a sua força e a sua pujança da massa do povo”, o único representante do “poder soberano, em face das modernas teorias políticas”. Destacava que esse não seria o caso do partido castilhista, diante do qual “o povo rio-grandense dia a dia melhor manifestava a sua

desafeição”, levando tal agremiação partidária a fazer “da ameaça sua arma de guerra”, iludindo “eleitores com promessas de emprego público” e utilizando todos os artifícios “para afastar das urnas os adversários”. Desse modo, o periódico considerava que o castilhismo era “o oficialismo, sintoma de decadência moral, que haveria de, dentro em breve, atirá-lo à vala comum”, intento pelo qual deveriam lutar os rio-grandenses, utilizando-se de “todos os meios legais para livrarem-se destes monstros políticos que governavam” e pretendiam continuar governando o Rio Grande do Sul.

Tendo em vista essas veementes manifestações anticastilhistas, o jornal teve a sua publicação novamente suspensa entre 21 de março e 30 de setembro de 1897. Ao voltar a circular, o diário explicava as causas que levaram a essa interrupção, afirmando que não eram “desconhecidos os motivos que determinaram o seu silêncio por tão longo tempo”, uma vez que, “folha de oposição, cumprindo exatamente os deveres em face dos acontecimentos, o *Eco*” não deixaria “de ser desagradável aos serviços da ditadura científica que queriam, exigiam e impunham, aos seus adversários, completo servilismo”. A folha denunciava que, “ao cumprir nobremente o seu dever, inspirando-se nos princípios grandiosos que animaram os federalistas na peleja” e ao combater “sem reboço a longa série de ignóbeis atentados com que o governo afrontava os brios rio-grandenses”, fora “alvo de indecorosas ameaças” de parte das autoridades. O periódico argumentava que, “na triste e dolorosa alternativa de amoldar-se aos caprichos da espada, ou ser vítima dela”, resolvera, “como um protesto às projetadas violências, suspender a publicação, até que lhe fosse permitido agir

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

completa e livremente, de acordo com a sua fé política". Passada a circunstância negativa, o *Eco do Sul* anunciava a retomada do seu lugar "entre os batalhadores do porvir, da honra e da liberdade rio-grandense, vil e torpemente fustigados" pela ação de "uma tirania que deprimia ainda a gloriosa terra dos gaúchos".

Na manutenção de sua postura, em 1898, o periódico declarava que "o castilhismo era traiçoeiro e sanguinário", diante do que propunha que todos os rio-grandenses deveriam continuar "a lutar com esforço, com verdadeiro afinco no campo eleitoral", mesmo tendo de enfrentar "as fraudes e as tramoias de desleais adversários" de modo a promover o engrandecimento de um "povo, que, por seu caráter, por sua organização moral e sentimentos de civismo, foi sempre considerado como sentinela vigilante da liberdade nacional". Os ataques do jornal continuaram à época de Borges de Medeiros, considerado como um seguidor de Castilhos, afirmando que este "ainda governava por trás" daquele, ao manter um governo que não representava "a opinião pública, não correspondia às aspirações de um povo culto e não tinha um partido político que o apoiasse sincera e lealmente", de maneira que "somente o terror e a corrupção o podiam sustentar".

Já em 1899, o *Eco do Sul* declarava que "se desvanecia em seguir na imprensa os ensinamentos grandiosos do notável tribuno" Silveira Martins. De acordo com tal perspectiva, no ano seguinte, propunha que, apesar das "dificuldades com que se esbarrava no Rio Grande do Sul para cumprir com altivez e independência os deveres impostos à imprensa livre", era "imprescindível batalhar sem tréguas, sem desmaios, nem desfalecimentos", para que o Rio Grande voltasse

“ao domínio da lei, ao império da justiça, ao regime da tolerância e da liberdade”; destruindo, assim, o “edifício da tirania, que não contava com o apoio da opinião livre e independente do torrão gaúcho”, e terminando com os “desastres incalculáveis” que viria sofrendo o Estado, “sob o domínio aviltante do castilhismo perseguidor e exclusivista”. Segundo o jornal, o Partido Federalista “sempre desfraldara a bandeira da liberdade, que era bastante ampla e generosa” e em “cuja sombra poderiam acolher-se todos os que, animados de puras e patrióticas intenções, quisessem bem servir ao Rio Grande e à democracia”, de modo a promover “melhores dias para a infelicitada terra rio-grandense”, entregue “à plutocracia comtista, ao jacobinismo vermelho, à política do sangue e do punhal”, e também “ao absolutismo castilhista”.

As “dificuldades” para manter os “deveres de imprensa livre”, acusadas pelo jornal, revelavam que persistia o estigma contra a folha oposicionista, a qual constituía objeto de constantes perseguições, o que viria a acarretar mais uma interrupção em sua circulação entre 23 de julho de 1900 e 28 de fevereiro de 1902. Ao retornar, o *Eco* explicava os motivos da suspensão da publicação, denunciando “uma avalanche de perseguições ignóbeis”, pelas quais “era ele alvo predileto das fúrias e dos ódios de uma malta dissoluta e aventureira”, visto que “a sua palavra, imagem indefectível da verdade, feria e vergastava, confundia e anulava” os governistas, considerados como “gente selvagem, desvairada pelas paixões mais ruins e empolgadas pelas corrupções mais indignas”. O diário ainda enfatizava que “sobre os corruptos, sobre os corsários da honra” a sua palavra caía “enérgica e

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

luminosa, castigando-os nos seus desvarios, surpreendendo-os nas suas tramas, desequilibrando-os nas suas ambições”, de modo que o “velho paladino da liberdade”, tornava-se a “cobiçada presa da malta desenvolta”. O jornal relatava que seu proprietário fora injustamente envolvido pelos situacionistas em uma tentativa de assassinato, através de uma “indecorosa exploração da politicagem”, e, “para que a sociedade ficasse gelada de pavor, publicamente, os caluniadores” fizeram ameaças ligadas a “vinganças à faca e à bala, decepar cabeças aos pares e às dúzias, transformar as ruas em estendais de cadáveres de maragatos”. Diante das ameaças, a “empresa teve de cerrar as portas”, pois o seu responsável retirou-se da cidade, somente retornando após a sua absolvição das “calúnias” sofridas. Teria assim vencido a “grande noite de silêncio”, de modo que reaparecia “com a mesma altivez e com as mesmas esperanças que o alentavam vigorosamente quanto suspendeu a sua publicação”. Mantendo sua filiação partidária, o jornal confirmava ser “órgão natural dos sentimentos e ideias do Partido Federalista”.

Um ano após a retomada das atividades, o jornal prosseguia definindo-se como uma “folha de combate” e “voluntário lutador em prol da liberdade rio-grandense, conculcada pela selvagem ditadura positivista, instituída pelo odioso sátrapa Júlio de Castilhos”. Propunha-se a acatar e defender “com ardor e lealdade o belo e luminoso programa revisionista do Partido Federalista”, que “se harmonizava e se amoldava às tendências, à índole e às aspirações da sociedade brasileira”. Prometendo “jamais esmorecer na luta, que considerava santa cruzada”, o periódico manifestava sua “inabalável

e segura convicção de que haveria de soar”, em breve, “a hora da redenção do Rio Grande, como também não tardaria a ser uma fulgurante realidade a anelada e triunfante aspiração brasileira”, ou seja, “a revisão constitucional”. O espírito combativo do *Eco* não cessaria, pelo menos até 1908, quando buscou assumir um papel “independente”, sem deixar completamente seu viés oposicionista⁴⁰.

A instauração da nova forma de governo contou com o aberto apoio do *Eco do Sul*, manifestando a expectativa de que estava a nascer um regime marcado pela vertente libertária. Em nome do patriotismo, a adesão ficava manifesta com a constatação de que, instaurada a República, os brasileiros deveriam tornar-se republicanos. O jornal dava crédito àqueles que denominava de revolucionários, crendo nos novos horizontes que estariam aguardando o país, que, a partir de então, se alinhava ao modelo americano. Considerava que o 15 de Novembro estaria a representar o “triunfo da democracia” e, apesar de declarar que tinha “uma grande e sincera veneração pelo passado”, em referência à admiração pelo regime decaído, reiterava que todos deveriam tornar-se “republicanos pela pátria”.

⁴⁰ Acerca do *Eco do Sul*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 271-363.

Ave brasileiros⁴¹

«Cidadãos! Formai alas, e, descobertos, deixai passar respeitosamente o vulto titânico de Deodoro, o colossal soldado brasileiro, o imortal libertador da nossa querida pátria!

Curvai-vos! Ei-lo diante de vós, qual Washington guiando e abençoando os passos dos valentes insurgidos da América do Norte!

Ajoelhai-vos! Com ele vem também o sublime e majestoso vulto da liberdade, derramando punhados de luz, de saber de heroísmo!

*

* *

E como é bela e encantadora a liberdade!

No seu mimoso rosto de fada, está visivelmente impressa a doce satisfação das virgens de Sorrento, quando cantam estrofes apaixonadas, em noites de luar!

De seus olhos de vestal, transparece a sublime alegria da mãe extremosíssima que salvou o filho idolatrado, prestes a sucumbir nas mãos do algoz e do tirano.

Como nós te somos agradecidos! Como havemos de retribuir-te tanto amor, tanta pureza, tanta generosidade?!

Nem sabemos dizê-lo!

Porém... vai, liberdade! Percorre o solo bendito desta pátria, repara num ser titânico que transita, afirma-te bem, e nele verás claramente o vulto simpático de

⁴¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 20 nov. 1889, p. 1.

Leônidas! Mais atrás, com os corações a transbordar de contentamento, seguem-no os seus arrojos esparciados.

Sabes, porventura, quem é ele?

Nasceu e cresceu no meio do povo. Pequenininho, quando a terna mãe embalava, cantando, o berço do futuro herói, ele desprendia um sorriso casto, inocente, e dormia! E dormindo sonhava-te!

De um lado, na alcova silenciosa, alumada somente pelos frouxos raios de luz que vinham do lampadário, prendia o luzidio sabre que mais tarde ele tinha de empunhar; e, à cabeceira, no leito do gigante, coberto por pétalas de magnólia, velavam as três irmãs do povo: igualdade, fraternidade, humanidade!

Cresceu, e no seu cérebro conflagrado de patriotismo, brotou o instinto audaz do soldado e do guerreiro. A pátria precisou de seus serviços: empunhou o gládio flexível e vingador, e, em meio às espirais do fumo e ao estampido medonho das metralhas, desafiou, briosa e dignamente, a honra ultrajada da nação!

Quando voltou, engrinaldava-lhe a fronte a aureola esplendorosa, conquistada por entre uma multidão de bravos, que, como ele, lutaram e venceram!

Mas, quanto amor à família e à pátria, quanto entusiasmo, quanto dedicação o povo! Que inúmeros protestos de subida abnegação ele aliou a outras tantas dores e torturas sofridas!

Por sobre a sua cabeça espande radiantemente a estrela da ventura; e dentro, em todas as veias de seu corpo de herói, corre um sangue nobre e valoroso: o sangue de Tiradentes!

*
* *

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Um dia, a pátria perigou muito; os desmandos dos tiranos, aquecidos pela púrpura real, atiraram-na às bordas do abismo: a desgraça era inevitável!

Estávamos no último paroxismo da moralidade governamental; no horizonte divisavam-se nuvens negras, lutulentas: era o prenúncio da catástrofe!

Prometeu voou, voou imensamente longe, chegou às regiões aéreas, roubou o fogo do céu, e, com ele, espalhou a sabedoria pelos homens.

Ao colossal devastador da tirania, ao valente e denodado libertador do Brasil, não foi preciso isso.

De pé, sobre o solo abençoado da pátria, empunhando o gládio da vingança e segurando os pratos da balança da lei, ele fez ecoar, desde o sopé verdejante às grimpas sombrias dos Andes - o grito sublime da liberdade!

*

* *

Salve, 15 de Novembro de 1889!

Hosanas, brasileiros!

A felicidade de nossa querida pátria está feita! Congregai-vos agora; estreitai-vos no mais santo e doce amplexo, e trabalhai com acendrado patriotismo pelo bem estar de nossos filhos!

Aliai à vossa grande força de vontade todo o ardor e heroísmo que tendes acrisolados no coração.

Lafayette, Washington e Deodoro são a verdadeira personificação de tudo quanto há de nobre, sublime e portentoso nas páginas da história do universo!

Os dois primeiros libertaram a pátria, mas
derramaram sangue, e o último libertou-nos, sem que
uma gota sequer de sangue brasileiro caísse sobre o solo!

Avante, patriotas!

Ave, cidadãos!»

*Vita nuova*⁴²

«Estamos na República, devemos ser
republicanos...

O sagrado culto da pátria exige o sacrifício de
todos os afetos, de todos os laços que nos prendiam ao
regime combalido. Isto não é uma abjuração, é um
holocausto imposto pelo patriotismo, nesta hora
soleníssima da vida nacional.

Guardaremos uma grande e sincera veneração
pelo passado, porque nele formamos as convicções
políticas, que hoje depomos no altar da nova pátria,
como vencidos de uma gloriosa revolução; e
convertendo-nos à fé dos vencedores, dos generosos
vencedores da Monarquia, não lhes poderíamos oferecer
mais valiosos troféus do que esses, que foram as nossas
armas de combate num largo período do segundo
império.

Na aurora da *Vita nuova*, surgida como a
Renascença, da elaboração genial dos espíritos
modernos, cumpre a todos os membros da vasta
comunhão brasileira honrar este assombroso triunfo da
democracia, este exaltamento explosivo da consciência
nacional, que se expande tranquilamente em toda a

⁴² ECO DO SUL. Rio Grande, 21 nov. 1889, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

vastidão do Brasil; fazendo o Brasil expandir-se gloriosamente no mundo americano.

Ainda quando fosse possível a reação; ainda quando a onda de uma insensata contrarrevolução pudesse abalar e derruir a República, restaurando o velho regime tradicional, não se conseguiria em realidade senão transformar a Monarquia constitucional num poder absoluto, armado de cóleras indomáveis contra os revolucionários de 15 de Novembro.

Quem são esses revolucionários? São as forças mais vivas e inteligentes da pátria; é o elemento moderno, esse mesmo elemento em cujo seio foi gerada a generosa conquista de 13 de Maio; é a geração viril herdeira das tradições democráticas de 1835 e de 1848; são, finalmente, todos quantos, presos à Monarquia pelo afeto e a admiração que lhes inspiravam as incontestadas e incontestáveis virtudes cívicas do venerando D. Pedro, apenas esperavam a sua morte para prestarem à democracia os tributos da sua adesão espiritual.

Todo o país era, pois, revolucionário; na própria inconsciência do seu estado político, caracterizado por sintomas de adiantada decadência, a revolução anunciava-se antecipadamente triunfante, quase sagrada por um secreto instinto de simpatia universal, garantida em seus efeitos pela unanimidade dos entusiasmos populares.

Esperava-se que explodisse mais tarde, quando D. Pedro cerrasse os olhos; porém o ministério Ouro Preto apressou a explosão, ateando com imperita mão o fogo ao rastilho da mina republicana, desafiando audaciosamente esta grandiosa reivindicação da democracia brasileira.

Aí está a República em todo o esplendor da sua majestade democrática, na imortal serenidade do seu glorioso advento; uma República que vem para a História com as suas vestes imaculadas e que principia sendo generosa e justa com o adversário que acaba de abater.

Nós a recebemos de braços abertos, porque vem a nós cingida do resplendor da justiça; porque mais gloriosa do que todas as revoluções democráticas do passado, transformou em meia hora, entre hinos de paz e de entusiasmo, as bases de uma grande nacionalidade, identificando-a com o gênio e com o espírito da América, o verdadeiro mundo da liberdade.

Repetiremos: temos uma grande e sincera veneração pelo passado, mas acima de todos os afetos, muito acima de todas as nossas simpatias pelo regime abatido e pela soberana personalidade que o iluminou com o esplendor das suas virtudes de cidadão e de monarca, está a pátria, esta pátria que desejamos ver sempre grande, sempre gloriosa no seio do Novo Mundo.

Somos de hoje em diante republicanos pela pátria, a cujas aras depomos neste momento as armas com que combatemos durante longos anos pela Monarquia constitucional.

Que o amor da liberdade e o patriotismo nos inspirem para bem servirmos a causa a que desde já hipotecamos todas as nossas dedicações.»

Na passagem do primeiro ano da forma de governo republicana, o *Eco do Sul* já demonstrava suas insatisfações para com os moldes que se instaurava o

regime. O periódico fazia alusões à Roma republicana, traçando paralelos em relação ao que estaria acontecendo no Brasil, demarcando que os novos detentores do poder estaria corrompendo os ideais efetivamente republicanos. Sua postura dissidente em relação aos homens do poder daquele primeiro ano da nova forma de governo ficava evidenciada na expressão de que ainda se fazia por esperar a efetivação de uma “verdadeira República”.

A República⁴³

«“A virtude não se vende! A virtude é mais do que o poder: não valem contra ela as tuas legiões, nem as tuas artes, ó César!”

Não há cônsules imperantes na atualidade porque o Brasil não teve Galias, nem Catões e Pompeus, visionários e vaidosos, como a história moderna apelida os grandes personagens sacrificados em holocausto ao descomunal orgiástico que o punhal de Bruto aniquilou em pleno senado romano.

Mas há filiações históricas que são como as correntes do galé – passando de um a outro artelho, deixando o vínculo que perpetua as leis que perscrutam a evolução social e a que chamam *nomologia*.

*

Obedecendo a essa fatalidade é que vimos o Brasil, com uma Monarquia mascarando a vida patriarcal em afagos ao povo, banir sem custo nem

⁴³ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1890, p. 1.

protestos o representante desse princípio, para erguer o governo que se dizia salvador pela instituição da democracia, porém que se acentuou apenas por uma aristocracia sem sangue nem nobreza – uma imitação oligárquica que apela para os exércitos permanentes e domina por meio de burgueses que fazem do capital a grandeza efêmera de um país sem nacionalidade perfeitamente constituída.

A plebe aí está também, não rugidora como nas épocas antigas, mas como povo que protesta pela imprensa e em reuniões, pedindo a igualdade que lhe fora prometida.

A mesma lei demonstra que os vencedores, apesar de não conhecerem vencidos, vivem a imitar o que estes fizeram, indo além, muito além, nas práticas odiosas, nos esbanjamentos, no servilismo, na degradação do caráter, na vilania dos cortejos ao triunfador – caricatura de César levado em charola, em carro que ainda pode quebrar uma das rodas...

*

Esta República é a orgia que se exemplifica vinte e tantos séculos depois, com o mesmo senado que vai a caminho das podridões de toga e louros.

Há traidores e miseráveis, hoje, como ontem, faltando apenas os ideólogos, os sentimentalistas, os puros que se afogam no mar ou rasgam as entranhas com a espada, para não se encontrarem, vivos, diante dos heróis crapulosos.

A tendência, a educação, a índoles foi classificada já – *gravitação para a lama*, e no Congresso, pela frase do

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

mesmo crítico e ex-ministro, aparecem homens que *honrariam um presídio...*

Vemos, até nisso, corporificada a ignomínia de remoto passado.

Aplicando o látigo de uma crítica formidável às faces do povo que aclamava por milhares de bocas o grande corruptor, escreve Oliveira Martins:

“Roma parecia uma matilha de cães ladrando de alegria farta, a correr atrás do dono.”

O símile não pode exigir mais perfeições.

Revive a caniçalha, repleta pelo engorde em comezainas que têm sido o característico do poder criador de novo aulicismo...

*

Há de afinal chegar o período reivindicador.

É ainda a tradição que nos ensina.

Os ambiciosos, os tiranos de qualquer ordem, os que em vão procuram ocultar em opulências e festas a hediondez dos desígnios, acabam por ser fulminados pelo anátema das multidões que inconscientes os aclamaram e que em vão procuram os covardes foragidos - novos senadores abandonando César imolado.

Então surgirá límpida e serena a imagem da verdadeira República.

Sim, porque a virtude não se vende, porque é mais do que o poder: não valem contra ela as tuas legiões, nem as tuas artes, ó César caricato!...»

A postura de dissidente republicano do *Eco do Sul* ficou ainda mais evidenciada no editorial alusivo ao 15 de Novembro do ano de 1891. Na oportunidade, o golpe de Estado desfechado por Deodoro da Fonseca dava ainda mais certezas àqueles que faziam oposição ao regime autoritário pelo qual vinha se plasmando a República, estabelecendo vazão ao incremento das discordâncias quanto a essa forma de governar. Estimulador e apoiador de primeira ordem do movimento que foi às ruas para opor-se à atitude presidencial, o *Eco* foi um dos principais articuladores da movimentação rebelde que ficou conhecida como “Revolução do 8 de Novembro” e isso ficava bem demarcado em seu artigo alusivo ao “dia” em questão.

O dia⁴⁴

«Ei-lo aí, o grande dia de festa nacional.

Ei-lo aí, com a fisionomia velada pela tristeza sombria, com os olhos úmidos de lágrimas.

Chega no meio das tempestades da pátria, chega entre os heroísmos do brio nacional, entre a ditadura covarde, porque é covarde a ditadura que se disfarçou cavilosamente do marechal Deodoro da Fonseca.

E é por isso que o grande dia vem triste: a alma do país desabrocha nessas convulsões medonhas da luta pela liberdade que foi conspurcada, esmagada, pela espada que não soube compreender o direito, pelo tirano que impudicamente, audaciosamente, rasgou o pacto fundamental que ele jurou manter, e cujos pedaços atirou às faces do povo.

⁴⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1891, p. 1.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Esquecendo que na lâmina das espadas só há uma divisa gloriosa que se possa incrustar, esquecendo que a nação, que é a única soberana, por isso que é o conjunto dos cidadãos, expulsá-lo-ia no dia em que transigisse com a honra, com o dever, e com a palavra empenhada, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca traçou a si mesmo o dilema que agora a revolução triunfante apresenta-lhe.

Nada mais justo. Nada mais lógico.

Ao desafio, o desafio; à ameaça, a ameaça.

Um grito, um grito medonho, um grito revolucionário atravessa as nossas serras altíssimas, ecoa de sul ao norte, e o velho colosso estremece e hesita um momento, não porque vai recuar, mas para lançar-se à luta, maior, mais sublime, mais heroico, assim como a águia que se recolhe um instante consigo para depois abrir as asas em parábolas vastíssimas, em voos arrojados pela altura!

E a luta é a mais nobre, a mais santa!

É o povo que se levanta em defesa de suas liberdades desprezadas, de seus direitos calcados, de suas prerrogativas pisadas.

É a luta pelo futuro, em nome da honra; é a luta pelo direito, em nome da razão.

E porque não vencerá a honra e porque não vencerá a razão?

Sim, a vontade indômita do povo, que quer a liberdade há de vencer a conspiração do Napoleão burlesco, que assim ousou afrontar os brios redivivos da nação, dilacerando as páginas da Constituição jurada.

Há de vencer, sim, porque a revolução combate em nome da luz, porque a revolução vai certa de si, segura mas calma, severa mas forte.

E então para o César caricato, para o novo Napoleão, que pretendeu abafar no peito brasileiro o amor à liberdade, como se isso fosse possível, a história terá ódios eternos, juízos implacáveis, tão implacáveis como a serenidade com que o tirano rasgou o livro da nação!

*

Entretanto, em 15 de novembro de 1889 que entusiasmos não enxiam a alma popular!

Que delírios, que aclamações não saudavam a data gloriosíssima!

Todos confraternizavam, os partidos enrolavam as suas bandeiras, e a pátria, regenerada do banho ideal que lhe dava a república, surgia pela primeira vez autônoma e forte, grande e luminosa.

Um clarão de claridade eterna rasgava o céu em todos os sentidos, e a deusa imaculada descia das alturas numa apoteose de plena luz.

A República descia de muito além, porque, como o Cristo, vinha lavar a nódoa original que a Monarquia deixara no pendão brasileiro!

Em novembro de 1889, o povo tinha no coração as convulsões da alegria: em novembro de 1891 tem as convulsões do terror!

Hoje desencadeiam-se cóleras e vinganças justíssimas.

No dia em que nós devêramos corar de emoção à chegada dessa manhã refulgentíssima, coramos de vergonha, e curvamo-nos abatidos pelos vilipêndios cruéis que a tirania escarrou nas faces dos patriotas.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Oh! mas o futuro não é dos tiranos, nem os povos sabem entronizar a força.

E a revolução que agora explodiu vai direita à grandeza, vai direita ao porvir.»

A perspectiva negativa para com os rumos do país permanecia como marca registrada do editorial expresso pelo diário rio-grandino na efeméride republicana do ano de 1892. A folha fazia referência ao fenômeno da transição Monarquia – República e passava a elencar alguns dos graves erros governamentais que atribuía aos novos detentores do poder desde novembro de 1889. Em síntese, o periódico voltava a enfatizar que os governantes estariam corrompendo com os “verdadeiros” princípios republicanos e deturpando a forma de governo. Segundo o *Eco*, um dos principais fatores da crise que se avolumava no Brasil estava vinculado às ameaças do espocar de guerras civis, notadamente no Rio Grande do Sul, as quais poderiam levar o país em direção a um caminho sem volta quanto à plena decadência nacional.

15 de Novembro⁴⁵

«Completam-se hoje três anos que surpreendentemente foi estabelecido o regime republicano no Brasil.

Vivêramos até então sob a forma monárquica, contra a qual propagavam os adeptos da ideia contrária

⁴⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1892, p. 1.

em número resumido e disseminados isoladamente em várias cidades das 21 províncias do Império.

Este, queixavam-se do caducismo governativo, atribuindo-lhe o estacionamento que viam de todo o progresso que devia existir no Brasil; porém, ainda assim não encontravam prosélitos.

Havia uma segurança, uma confiança inabalável na estabilidade geral do dia de amanhã, segundo a sentença de La Prade e nesse *status quo* residiam a felicidade e a paz a que o povo deste grande país estava habituado e assim permanecia-se.

Entretanto, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, pondo-se à testa de uma revolta militar contra um dos ministérios que lhe parecia infenso ao Exército, foi tão feliz nesse tentame que, o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, republicano de fina têmpera, coadjuvado por alguns seus correligionários, fê-lo proclamar a República, a qual, ante a ação de todos os elementos armados da nação, tornou-se uma realidade.

Os paisanos, bestializados pelo fato, olharam uns para os outros e diante do aparato bélico imitado em todo o Brasil, aderiram ao fato consumado.

E... foi feita a República.

Por assim ser, porém, a cada ideia brilhante do novo sistema governativo posta em prática sucedia uma realidade completamente negativa.

Fazer um resumo debaixo deste princípio de todos os acontecimentos seria tarefa demasiado longa e mesmo supérflua.

Aí estão eles na memória de todos.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

Salientou-se no número dos fracassos principais, a embaixada Bocaiuva à República Argentina – o famoso Tratado das Missões.

A abolição dos títulos nobiliárquicos, questão de nenhum alcance, foi sucedida pela nobilitação de incorporadores de companhias e gerentes de bancos ruinosos para o país.

As casas parlamentares têm trabalhado fazendo aprendizagem e nesse labor têm sido maiores os erros gravosíssimos para o bem-estar geral do que os acertos que era de esperar.

O sistema federativo, deixando privativo a cada Estado a escolha do seu Presidente, durante estes três anos, apenas tem demonstrado a sua impraticabilidade, demonstração que tem lançado em desordem geral da inalterável normalidade de todas as sociedades.

De Sul ao Norte e de Leste a Oeste da terra do Cruzeiro as revoluções têm-se sucedido como os tentáculos da serpente mitológica.

Relativamente ao nosso Estado não pode ser mais triste nem mais desolador o que se passa... um cúmulo, um caos duplamente indescritível – pela sua complicação e pela temeridade de quem aventure a tal tentar.

Os republicanos próceres – uns, infelizmente jazem além-túmulo, outros se retiraram à vida privada, outros nulificaram-se e ainda outros perderam o ideal que tanto afagaram, convertendo-se em aventureiros das posições oficiais.

Quiséramos que tudo isso fosse uma mentira, um produto do escaldar da imaginação; mas, infelizmente, assim não é.

Eis o estado em que nos achamos a 15 de novembro de 1892.

Quando reaveremos o perdido, ao menos, o que já seria uma grande ventura?

Quem minorará a desorientação atual?

A mesma República! A ela cumpre rigorosamente ela há de, ainda que com a maior soma de dificuldades e desilusões, indenizar pela realidade dos seus altruísticos princípios políticos, a felicidade que absorvem do povo.»

As expectativas da publicação rio-grandina quanto à inevitável deflagração da guerra civil se confirmariam, com o espocar da Revolução Federalista e da Revolta da Armada. Diante do ambiente geral de crise, o periódico optou por fazer uma brevíssima referência ao 15 de Novembro no ano de 1893, com uma nota protocolar publicada sem maior destaque na segunda página, fazendo rápida descrição factual dos episódios desencadeados naquela data em 1889. Tendo em vista sua postura oposicionista, o *Eco do Sul* sofreu seu primeiro grande revés da época republicana, uma vez que, em 1894, só circulou entre janeiro e abril, tendo sua circulação suspensa após a tentativa dos rebeldes de invadir a cidade do Rio Grande. Após tal processo de silenciamento, o jornal só retornou em setembro de 1895, após o encerramento da Revolução Federalista. Ainda que breve, a matéria publicada em 15 de novembro de 1895 traduzia toda a indignação do periódico para com os caminhos trilhados pela República, manifestando claramente sua postura oposicionista, ao criticar a “tirania” e a “ambição” pelo poder expressas pelos

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

governantes na esfera federal e estadual, mais especificamente se referindo a Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos. Na sua perspectiva, ainda poderia restar alguma esperança nos rumos do país, a partir do retorno do poder às mãos de um governante civil na Presidência da República.

15 de novembro⁴⁶

«Completa-se hoje quatro anos que foi proclamada a República na então capital do Império, cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, à frente das forças do Exército que guarneciam aquela cidade, foi o fator deste acontecimento para o qual trabalharam também vários brasileiros ilustres.

A esquadra aderiu ao movimento, bem como as forças armadas estacionadas em todas as províncias, tornando em fato consumado e assentido por todo o Brasil a transformação política que a data de hoje recorda e que oficial e popularmente será celebrada.»

15 de Novembro⁴⁷

«Completa hoje seu 6º aniversário a República Brasileira.

Arrastada pro entre urzes e espinhos venenosos, debulhada em pranto amargo, soltando trenos

⁴⁶ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1893, p. 2.

⁴⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1895, p. 1.

sentidíssimos, coberta de luto e de desgostos, tem a pátria percorrido gemebunda e soluçante a via dolorosa.

Quiseram maus filhos seus torná-la sua, exclusivamente sua, como coisa que se compra e que se vende, escravizando-a a ambições inconfessáveis, aos caprichos de insuportável tirania.

Fizeram-na os senhores do poder andar para trás uns tantos lustros, impedindo-lhe as conquistas meritórias da civilização e do progresso.

Felizmente, porém, após tantos descabros que sofreu, parece que entra o país em fase mais alegre e lisonjeira, graças aos esforços, energia e patriotismo do ilustre Presidente da União, Dr. Prudente de Moraes, que busca lealmente restaurar as finanças, o crédito, o direito, a justiça e a liberdade que o florianismo conculcou.»

Sentindo-se mais seguro para expressar suas opiniões, no 15 de Novembro de 1896, o *Eco* evidenciou ainda mais abertamente suas insatisfações para com o regime e as atitudes governamentais colocadas em prática desde 1889. Na abertura, o editorial fazia breve referência aos acontecimentos que marcaram o momento da implementação da República, passando em seguida a tratar das decepções para com as novas circunstâncias, uma vez que as esperadas “delícias do novo regime” jamais se confirmaram. Além dos erros administrativos imputados aos novos governantes, a abordagem do jornal se concentrava na denúncia a um governo – notadamente na esfera estadual – que suprimia todas as liberdades individuais, prevalecendo o “despotismo”,

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

que, cada vez mais, estaria a comprometer os ideais dos “verdadeiros republicanos”.

15 de Novembro⁴⁸

«Completa hoje sete anos que o Exército e a Armada, em nome da nação, na capital federal, proclamou a República dos Estados Unidos do Brasil.

À frente do movimento militar, estava o general Deodoro da Fonseca que, apesar de doente e cedendo aos rogos de seus companheiros de armas, assumiu o posto que lhe era confiado.

Não foi intenção sua, de princípio, extinguir a Monarquia, mas depor, simplesmente, o ministério presidido pelo Visconde de Ouro Preto, contra o qual articulava queixas uma parte do Exército nacional.

Depois, porém, compreendendo a gravidade do momento, a tremenda responsabilidade que assumia ante as disposições legais do país, resolveu levar mais longe o golpe temerário.

A queda do Império salva-lo-ia a este alvitre, lembrado e discutido, com a intervenção de alguns dos poucos populares que tomaram parte no fato memorável, foi aceito e posto em prática, sem aquiescência do povo brasileiro, que, na espirituosa frase de Aristides Lobo, a tudo assistiu bestializado.

A proclamação da República no Brasil foi surpresa enorme e geral, pois ninguém, nem o próprio partido republicano, então, sem elementos ponderáveis, podia contar com a mudança das instituições tão repentinamente.

⁴⁸ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1896, p. 1.

Contudo, exilada a família imperial, estabelecido o tribunal militar e entregue os destinos da nação ao Exército e à Armada, às ex-províncias aceitaram o fato consumado, sem a mínima oposição.

Parecia, à vista disto, que, o povo reentraria dentro em pouco na posse do poder e das suas liberdades, fruindo as delícias do novo regime inaugurado, de acordo com as salutares teorias apregoadas pelos arautos da República.

Assim, porém, não sucedeu.

Até hoje, apesar de decorridos sete anos da extinção da Monarquia, apesar de não haver partidos monarquistas arregimentados para a luta, armada ou pacífica; apesar das garantias prometidas à comunhão nacional, ainda continua o povo brasileiro a viver sem autonomia e sem direitos, sob o pesado guante do despotismo.

Liberdade política, liberdade de pensamento, liberdade de cultos, todas as liberdades, enfim, são privilégio dos que gozam o poder e seus amigos.

Para cerceá-las, para justificar a escravidão em que vivemos, nós, o povo, os senhores absolutos da nação fazem atribuir o seu procedimento à necessidade de impedir o movimento monarquista!

Em toda a parte e em todos os adversários desta situação que se degrada, querem ver monarquistas encapotados e não se lembram que estão, assim, fazendo acreditar ao povo que o país é monarquista e não republicano!

Além de ser isto um mal para a República, um alento para seus inimigos declarados, é pouco generoso, é indigno mesmo de bons e decididos patriotas, inventar perigos à República para justificar perseguições, afastar

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

o povo do governo de si mesmo, por amor aos gozos do poder.

Quando tantos republicanos históricos têm abandonado as fileiras dos que dirigem a República, por não se conformarem com essa direção, por verem o regime deturpado, a constituição federal desrespeitada, as leis reduzidas à letra morta, as finanças e o crédito do país em desbarato, tudo em confusão e anarquia; porque, quando os próprios que concorreram com esforço para o advento da República, afastam-se de sua direção, hão de ser, a título de monarquistas, privados de suas liberdades e direitos, aqueles que em nada concorreram para a mudança das instituições, mas aceitaram o fato consumado?

Este argumento não tem réplica, a não ser os costumes disparates com que os falsos apóstolos da República costumam justificar os erros dela.

Até agora, desde que foi o novo regime proclamado, o Brasil não é dos brasileiros, é de uma diminuta parte da nação, é de uma insignificante minoria que tem por si as lanças, as carabinas, os canhões e os dinheiros dos cofres nacionais.

Os Estados, em que converteram as Províncias, são escravos de seus governadores, e quando o respectivo povo, em desespero, pretende reivindicar a liberdade, atiram contra ele, por assim dizer, todo o país militar, que abafa, sufoca e estrangula as aspirações do corpo social.

Por que não se fazem efetivas as garantias que a magna lei republicana oferece ao povo brasileiro?

Por que não se acaba de vez com a prepotência, que vexa, sacrifica e martiriza um povo inteiro?

Por que não se fazer do Brasil um povo livre, capaz de, no exercício de suas prerrogativas, alcançar as glórias mais brilhantes?

Acabem os senhores do poder com essa política malfadada, façam real a divisa grandiosa – “liberdade, igualdade, fraternidade” – e a grande comunhão nacional, completamente esquecida do passado, saudará, em frêmitos de alegria, a pátria republicana.»

No ano de 1897, por ocasião do 15 de Novembro, refletindo a continuidade de suas insatisfações, o *Eco do Sul* restringiu-se a divulgar colunas descrevendo as solenidades comemorativas da efeméride no âmbito citadino⁴⁹. Já no ano seguinte, o diário voltava à carga contra a situação vigente, expondo que as comemorações da efeméride não passavam de atos vazios, que não estariam refletindo a realidade daquele final de século XIX e a crise geral do regime implantado em 1889. A argumentação do periódico centrava-se na falta de participação popular desde a instauração da nova forma de governo, de modo que o povo permanecia como um “bestializado” – reproduzindo o dizer de Aristides Lobo – sem vez nem voz nas decisões que orientavam o futuro do país.

⁴⁹ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1897, p. 1; e 17 nov. 1897, p. 2.

15 de Novembro⁵⁰

«O mundo oficial celebra hoje mais um aniversário da proclamação da República.

Os edifícios públicos desfraldarão no topo das suas hastes a bandeira estrelada, aos afagos das brisas indiferentes.

A força militar formará em parada, ostentando o seu aprumo marcial, ostentando o seu aprumo marcial e o brilho das suas armas polidas, onde os raios solares se espelharão em reflexos coruscantes.

Todo o elemento oficial, enfim, trará galas festivas em comemoração da grande data; sim, grande – como a aspiração do Brasil de liberdade; grande – quanto é e quanto pode ser um acontecimento que transforma de alto a baixo todas as relações jurídico-políticas de uma nacionalidade.

E o povo?

Como festejará o povo esse acontecimento que a ele principal e diretamente interessa?

Como, em que caráter entrará na colaboração solene desse marco transposto na história?

A resposta não é difícil, nem é necessário declinar todos os considerandos.

Ela está tacitamente delineada em todas as consciências; ela está positivamente consagrada e efetivamente manifestada no seu alheamento, na mesma judiciosa e sensata concentração de espírito com que há nove anos presenciou a derrocada do trono bragantino, e com que ainda hoje espera pelo regime da liberdade,

⁵⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1898, p. 1.

Canãa apontada pela palavra ardente dos profetas da propaganda, e que o venerando Presidente acaba de deixar o governo fez entrever do alto desse Nebo onde a idolatria substituirá as tábuas da lei pelo *velo de ouro*.

O povo espera ainda o Josué que abata e derroque ao toque dos clarins da liberdade as muralhas da moderna Jericó – a tirania.

O povo concorrerá com o mesmo ceticismo cartesiano de há nove anos, porque desiludido, e não *bestializado*, ele não pode admitir no seu bom senso coletivo como verdade senão o que é tangível, o que a pratica, o que a realidade lhe faz conhecer evidentemente.

Ora, nestes nove anos de República o que que lucrou o povo, que vantagens auferiu neste Estado da transformação institucional?

Em que aumentou o seu capital de bem-estar, de garantias, de liberdade, de tranquilidade, tudo isso que na linguagem filosófica lhe prometia a vida na sua maior intensidade no tempo e no espaço?

Comparando a situação atual com a que gozávamos nos últimos momentos da Monarquia, nenhum homem de boa fé, rigorosamente respeitador da verdade, capaz de sobrepô-la a todos os prejuízos e paixões, será capaz com justiça de negar a inferioridade presente, entre nós ao menos.

Tínhamos uma política retrógrada, dizia-se, argumentava-se com o privilégio de nascimento da família dinástica, com as consequências de um regime decadente, sim, mas que não tinha retrogradado, degenerado e se assemelhado às instituições inquisitoriais do Santo Ofício, nem a esse

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

desvirtuadamente da Revolução Francesa conhecido pela denominação de Terror.

Hoje, porém, o ínfimo depositário de qualquer parcela de autoridade goza de privilégios e irresponsabilidades que não tinha o monarca.

O povo vive afastado da direção dos seus negócios; ao regime representativo substituiu-se uma ditadura repulsiva, onipotente, odiosa.

As leis são confeccionadas a bel-prazer do tirano que por ironia as manda publicar para conhecimento do *servum pecus*, tendo, porém, o cuidado de ressaltar a faculdade de aceitar ou rejeitar qualquer emenda, justa ou não, o que as torna completamente desnecessárias.

O lar doméstico perdeu o caráter de inviolabilidade sagrada, achando-se exposto o templo da família às profanações indignas dos esbirros, quando apraza a iniquidade que tomou o lugar da justiça.

A liberdade de consciência, a liberdade de pensamento foram estranguladas nas malhas do espírito arbitrário dos sectários do *neo-jesuitismo*, que as proscreeu das escolas, das faculdades superiores, não trepidando em vir a terreiro manifestar a sua intolerância, como sucedeu com o Dr. Olinto Carvalho, e não pode ver com bons olhos a crítica severa, porém, imparcial e justa da imprensa adversária.

Os direitos individuais e o direito de propriedade, que derivam dos próprios fundamentos da organização social, foram confiscados e entregues a discrição de autoridades subalternas, inconscientes, ao sabor das suas ínfimas paixões e vinganças inconcebíveis.

As garantias individuais, o direito de defesa diretamente decorrente dos mais rudimentares preceitos

de justiça, substituídos pelos inquisitoriais processos secretos e pelo infame sequestro do produto do trabalho honrado.

Finalmente, todos os benefícios adquiridos pela elaboração lenta de uma civilização adiantada e progressiva, foram golpeados rente e cerceado pela tirania que se encastelou no Estado por trás das baionetas heroicas dos bravos defensores da honra da pátria nos campos de batalha.

A Monarquia no Brasil tinha de baquear e baqueou; mas na sua história política internacional brilha fulgurantemente a sua intervenção benéfica em favor dos tiranizados pelo despotismo pomposamente adornado de instituições republicanas.

Aí estão para relembra-los as suas campanhas homéricas contra os tiranos das Repúblicas Oriental, Argentina e do Paraguai; o seu espírito liberal estendi-as pelo continente.

A República Brasileira fundou-se, e nem pode ser outra a sua característica – sobre a democracia, cujo espírito nos incompatibilizou com as instituições até então dominantes.

Neste Estado, porém, as liberdades públicas foram ab-rogadas em proveito de teorias arbitrárias, apriorísticas, sem filiação histórica no passado, sem correspondência alguma com os interesses e as necessidades sociais.

Dele podem a República e os verdadeiros republicanos dizer o que os republicanos franceses, e entre outros Carnot, disseram do Terror – que não tem com a sua organização nenhuma solidariedade.

Eis em que condições o povo rio-grandense assiste ao nono aniversário de um regime que lhe

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

prometia tantas esperanças e liberdades, e, entretanto, se converteu em tremenda desilusão.

Assim nos pronunciando, é evidente que apreciamos os acontecimentos no ponto de vista particular em que nos coloca a situação do Estado.

A República não chegou até cá; o que aqui temos é um verdadeiro feudalismo.

Cada município está sob a chefia de um senhorio, ou muitos senhorios, tantos ao menos quantos são os associados no domínio desta imensa gleba que se intitula – Estado do Rio Grande.

No ponto de vista nacional, no ponto de vista geral, o governo hoje desce do poder assinala o maior esforço tentado em bem da ordem, da reversão às normas legais, ao verdadeiro regime do governo do povo pelo povo.

Ele assinala nos anais da República o esforço tenaz de um patriota imorrível na veneração popular, aplaudido pelo país e pelo mundo civilizado que conosco entretém comércio de amizade, em prol da elevação do elemento popular, do governo da nação por si própria.

Os ódios e as paixões que se desencadearam de todos os interesses feridos, de todos os tiranetes que as épocas anormais trazem à flor da sociedade de todas esse limo e sargaços que as enxurradas arrastam na sua torrente à superfície dos acontecimentos, não conseguiram demovê-lo.

E as bênçãos da grande maioria nacional, o caminho que abriu a reabilitação da pátria, os novos horizontes que devassou ao progresso do país e ao engrandecimento e regeneração da República, levarão ao remanso tranquilo do seu retiro honrado, os hinos de um

povo inteiro agradecido que o sagrará benemérito entre os beneméritos que mais mereceram da pátria e da República.

Vasta e grandiosa é a missão da pátria brasileira no continente.

Mas para que ela possa exercer livremente a sua hegemonia é mister que a República comece por garantir a autonomia dos seus concidadãos. É preciso que ela seja livre para que se torne grande; é mister que seja humana para que se faça amada.»

Já em 1899, no décimo aniversário republicano, o *Eco* optou primeiramente por apresentar uma nota mínima na segunda página simplesmente informando sobre a passagem da efeméride. Passado o 15 de Novembro, o periódico voltava a enfatizar o esvaziamento em torno das festividades alusivas àquela data nacional, uma vez que nas mesmas não haveria a efetiva presença popular. Na concepção da folha, essa falta do povo não seria concernente aos momentos de celebração, uma vez que refletiam o contexto geral da República desde a sua fundação, no qual tais segmentos populares tinham sido alijados das decisões atinentes aos rumos trilhados pelo país, em um quadro que se agravava no Rio Grande do Sul, graças à ação da “seita” castilhistas que dominara o Estado.

15 de Novembro⁵¹

«A República Brasileira, proclamada a 15 de novembro de 1889, marca, hoje, mais um aniversário.»

As festas do dia 15⁵²

«Não sabemos por que, mau grado todo o espalhafato do elemento político, as festas do dia 15 não tiveram o deslumbramento que deriva do entusiasmo popular.

Não é que a ideia republicana mereça as antipatias do povo, nem se pode presumir, por este indiferentismo glacial, que o devore saudades da Monarquia.

O povo brasileiro é patriota, é magnânimo e progressista de sobra para saber colocar acima dos interesses mais altos da felicidade da pátria. Conserva-se indiferente, todavia, sem associar-se aos festejos que comemoram uma das datas mais belas da história contemporânea, porque dia a dia, escoado na ampulheta do tempo, ele vê sucederem-se no poder os timoneiros da nau do Estado, sem que os eleitos do povo ou antes os eleitos do poder cogitem no dever imprescritível de *republicanizar a República*, cada vez mais desacreditada.

A República devia pertencer à nação e só assim, como o sol que se divide e se espalha pelo universo, no desdobramento de suas irradiações luminosas, sem que perca a intensidade do seu fulgor, a República se podia

⁵¹ ECO DO SUL. Rio Grande, 15 nov. 1899, p. 2.

⁵² ECO DO SUL. Rio Grande, 17 nov. 1899, p. 1.

consolidar, firmando-se pelo amor e pela identificação das crenças populares.

Mas desde o momento em que uma seita ridicularizada pelo próprio espírito científico da época, aniquilada pelos golpes da verdadeira filosofia, se apoderou da governança pública, escravizando o país, imprimindo formas carnavalescas às praxes da vida oficial, desde esse momento a República, que surgiu sob uma chuva de flores, converteu-se em planta raquítica, que arrasta vida miserável, estiolada pela indiferença a opinião popular.

Propriedade de uma seita que não constitui, por absurda, uma confissão ou religião admissível como adiantamento da mentalidade contemporânea, deixou de ser uma instituição afagada e defendida pelo entusiasmo da alma nacional.

Tornaram-na a obra de um partido, em vez de imprimir-lhe a amplitude devida a uma das mais famosas aspirações da geração contemporânea.

Eis a razão da frieza com que o povo assistiu aos festejos comemorativos da instituição do governo republicano em nossa pátria.

O positivismo, que nos infelicitava, desmoralizando a administração pública, desacreditando-nos para com o estrangeiro sem confiança em nós, recusando-nos o crédito, sujeitando-nos a um regime de pão e água, pode em manifestações espalhafatosas encarregar-se per si da celebração dessas datas, mas, estará sempre só, sem dispor de outros elementos que não sejam os oficiais e esse em parte, sem, todavia, conseguir associar a si a parte preponderante, que imprime a estas festas uma nova de vida, de entusiasmo e regozijo público - o elemento popular.

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

É esse o motivo que ninguém viu nas festas do dia 15 e nessa falta reside simplesmente a razão da frieza com que elas passaram.»

A opção por permanecer na oposição e na resistência contra o castilhismo levaria à continuidade das ações persecutórias e repressivas por parte das autoridades governamentais, que criava todo o tipo de óbice à continuidade do *Eco do Sul*. Tal processo coercitivo levaria a mais uma interrupção nas edições do periódico, cuja circulação foi suspensa entre julho de 1900 e março de 1902. No primeiro 15 de Novembro ocorrido após o seu retorno, o *Eco* voltava a manifestar sua indignação quanto ao desvirtuamento da República almejada pelos seus propagandistas. Nessa linha, apontava para a “anarquia” como rumo que seguiria o país de acordo com as ações dos governantes, observando que a nação estaria a precisar de uma reforma generalizada, exatamente como propunha o Partido Federalista, principal grei partidária de oposição na conjuntura gaúcha, que contava com a filiação da folha rio-grandina

15 de Novembro⁵³

«Entra amanhã a República no 13º aniversário da sua proclamação na nossa pátria. A data de 15 de Novembro, que devia despertar em todos os corações brasileiros o mais vivo júbilo, vem, ainda este ano, encontrar acabrunhado e apreensivo o espírito nacional.

⁵³ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1902, p. 1.

É que a República – carinhoso e amado ideal dos legionários da propaganda – desvestida de todas as suas liberdades, não tem sido mais do que uma formidável mistificação para o povo e uma tremenda decepção para os seus evangelizadores.

Até hoje, a República não tem sido, como esperava o povo, o regime da liberdade, da ordem e do decoro administrativo. Para decepção de todos, a República tem sido o regime do embuste, da venalidade, da traição e do postergamento completo de todas as liberdades e de todos os princípios em nome dos quais foi proclamada na nossa pátria a nova forma de governo.

O que aí está não pode ficar, pois a pátria vai caminhando vertiginosamente para a anarquia e para a ruína. Para que a República se salve é mister que se lhe faça uma reforma completa. E esta reforma só poderá ter o êxito esperado pelos patriotas que amam extremosamente os princípios democráticos, se for moldada pelas ideias redentoras do Partido Republicano Federalista – únicas que estão sagradas pela opinião nacional, únicas que vão a caminho do triunfo.»

A efeméride do 15 de Novembro no ano de 1903 serviu para que o *Eco* reforçasse sua postura oposicionista, ao lamentar mais uma vez que aquela data sofrera um esvaziamento em seu conteúdo, uma vez que da República se teria esperado um regime de “liberdade” e “justiça”, o qual nem proximamente se confirmara na passagem dos últimos anos. Insatisfeito com o norte adotado pelos donos do poder, o jornal sustentava que a forma republicana fora “pervertida” pelos “falsos” republicanos que teriam dado ao regime

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

uma feição completamente diferente daquela almejada na propaganda e em 1889.

A República⁵⁴

«A data de amanhã, que devia ser de júbilos e entusiasmos para o povo brasileiro, pois assinala mais um ano de estabilidade da forma de governo anunciada como a precursora da liberdade e da justiça, é, ao contrário, de amaríssimas desilusões e arrependimentos.

Longe de termos a sonhada implantação do direito nesta pátria grande e fecundo, cujos filhos igualam na abnegação os mais ousados espartanos, vemos com indizível mágoa que caminhamos para o desconhecido, tragados pela insânia criminosa dos abjetos mercadores das nossas tradições.

Gradualmente, nessa marcha lenta e cruciante em que vai se despenhando o Brasil, sentindo ofuscar-se hora a hora, as suas mais brilhantes conquistas, desaparece por completo o monumento gigantesco cimentado pela ação poderosa de alguns séculos de lutas sem tréguas!

E quem foi a causa eficiente desse retrocesso pernicioso que acabará por levar o descrédito em todas as fronteiras da pátria? Quem?

A República!

Sim, a República, esse ideal formoso pelo qual tantas individualidades superiores sacrificaram-se; essa forma de governo pervertida pelos falsos representantes, que só tem servido para labéu deprimente de uma raça atlética adormecida e bestializada!

⁵⁴ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1903, p. 1.

Como dói-nos lembrar que todo esse passado de glórias, constituído por feitos notáveis que até hoje fazem o coração pulsar desordenadamente de entusiasmo, é indignamente espoliado, destruído, maculado...

O que nos aproveita o acelerado da marcha desse apregoadado progresso, se ele é argamassado pelas lágrimas de um povo cansado de sofrer e aviltar-se?

Para que queremos gozar dos foros de nação adiantada, sustentando uma engrenagem governativa de moderna feição, se ela acarreta para todos nós uma série nefasta de provações e custa o doloroso sacrifício das liberdades civis e políticas, de par com o sequestro aviltante dos nossos direitos e prerrogativas?!

Por tal preço antes o estacionamento ou o progresso demorado, sendo ele bafejado pelas auras inestimáveis da paz e garantias populares.

A população brasileira anseia por justiça, tem fome e sede de liberdade, quer a tranquilidade e o crédito que lhe arrancaram miseravelmente!

E não será com a opressão, o vilipêndio, as vergonhas e os escândalos parlamentares que se conseguirá fazer amar a República, salvando-lhe os créditos seriamente comprometidos.

Na véspera do aniversário da proclamação da nova forma de governo, que tantos males nos tem acarretado, é hipocrisia falsear a veracidade dos fatos, emprestando virtudes à República que até hoje ela não evidenciou.

Por isso, em lugar de tecer loas à passagem do seu aniversário, nós, dolorosamente compungidos, lamentamos do fundo da alma os imensos erros que têm

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

trazido a vergonha e o aniquilamento do caráter nacional.»

No momento em que chegava ao terceiro lustro da existência republicana, o *Eco do Sul* permanecia firme nos campos da oposição, buscando demarcar claramente os fatores que considerava como incongruências do regime em vigor. O periódico se referia à aceitação popular do movimento republicano, culminando com os episódios de novembro de 1889, mas que tal apoio não viria a redundar em participação, uma vez que o povo em geral permanecia afastado do poder decisório quanto aos rumos do país. Ainda assim, não considerava que tais males advinham de limitações da forma republicana e sim da ação dos “falsos representantes da forma democrática”, que vinham cada vez mais deturpando o regime e se afastando da idealizada “verdadeira república”.

A República⁵⁵

«A despeito de todos os elementos que lhe embaraçam a marcha triunfante, a República assinala amanhã mais um ano de existência na terra tradicional de Santa Cruz – a única do continente americano que, em 1889, ainda suportava as algemas do poder bragantino.

É verdade, infelizmente, que até a data atual a nova forma de governo não produziu os resultados benéficos que dela se esperavam, atentas as suas leis

⁵⁵ ECO DO SUL. Rio Grande, 14 nov. 1904, p. 1.

básicas, que se assentam nos alicerces da mais pura democracia e do mais acentuado evolucionismo.

Mas a responsabilidade dessa anomalia, não deve correr por conta da ideia republicana, nem tampouco da predisposição do nosso povo, bastante dedicado e paciente para aguardar esperançoso o desabrochar dessa nova era de paz e de trabalho que se descortinava no horizonte da pátria.

E a prova tivemos-la exuberante e fascinadora quando foi operada a mudança radical das instituições – o ciclone da revolução passou desassombradamente e triunfante, arrostando na sua trajetória tudo quanto fora solidificado pela Monarquia – senhora de barão e cutelo, há mais de um longo século.

O sangue generoso dos nossos patrícios não empanou o brilho da ridente alvorada que surgiu a 15 de novembro de 1889, por entre os aplausos unânimes da maioria da população brasileira, ciosa de progresso e liberdade.

Se, de momento, a República não encontrou entraves na opinião, sendo ao contrário amparada pela boa vontade de *gregos e troianos*, menos dificuldades teve que enfrentar perante a comunhão nacional, durante a sua consolidação.

Por conseguinte, quem a tem deturpado deploravelmente, arrastando-a para o declive do descrédito, têm sido os seus próprios diretores, aqueles a quem foi confiada a tarefa de prestigiá-la devidamente, por meio de uma administração honesta, laboriosa e prudente.

Os falsos representantes da forma democrática, jogando irrefletidamente com os destinos pátrios, é que vão cavando no seio da coletividade esse grandioso

O 15 DE NOVEMBRO NOS TRÊS PRIMEIROS LUSTROS
REPUBLICANOS: REGISTROS TEXTUAIS NA IMPRENSA DIÁRIA
RIO-GRANDINA

sulco de desgosto que lavra em todas as camadas sociais, determinando recriminações ao sistema republicano, como se ele fosse responsável pelos desmandos de quem incumbe interpretá-lo fielmente.

Esta é, desgraçadamente, a realidade funesta, mas temos esperança que desse caos em que foram lançadas as nossas tradições e com elas o crédito da República, surgirá mais tarde o lábaro sacratíssimo da regeneração, conquistado a golpes de talento e civismo pelos muitos notáveis brasileiros que atualmente se escondem na penumbra.

Fazemos votos, por conseguinte, para que a República, hoje inteiramente consolidada na terra de Santa Cruz, encontre desbravado o caminho que a há de conduzir ao apogeu das suas conquistas brilhantes.

É nessa convicção patriótica naturalmente alimentada pela totalidade dos nossos patrícios, que dirigimos a nossa saudação sincera à pátria, por ver passar amanhã mais um ano de estabilidade republicana.»



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060685

ISBN: 978-65-5306-068-5